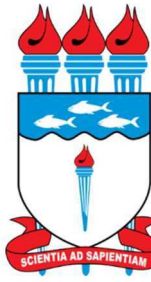


Entre sonhos, adaptação e identificação: a história da turma XI

Acsa Mickaelly de Souza Santos | Andreina Suellen Santos Lima |
Carlos Eduardo da Costa Carmo | Cicero Victor Soares de Lima |
Claudia Cristina Alves da Fonseca | Deysa Maria de Araujo Silva |
Dhavi Lucas Leao Farias de Oliveira | Fabiana de Cássia de Araújo
Silva (org.) | Fabiana dos Santos Ferreira da Silva | Felipe Alexandrino
da Silva | Giovanna Carvalho Lira Matos | Giovanni Davi Rodrigues
Barbosa | Ira Cesar de Araujo Barbosa | Juliene Maria Gomes da Silva |
Karla Evellyn dos Santos Silva Coimbra | Kaylane Ferreira de Barros |
Ludmyla Vitoria Brito de Souza Lima | Marcus Vinicius da Silva | Maria
Edvania da Silva Santos | Maysa Mayara da Silva | Pedro Lucas
Barbosa da Rocha | Rawmyller Ferreira da Silva | Rayanny Gabriella
Rodrigues dos Santos | Rodrigo Pereyra de Sousa Coelho (org.) | Vitor
da Silva Oliveira



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE ALAGOAS

Entre sonhos, adaptação e identificação: a história da turma XI

Acsa Mickaelly de Souza Santos | Andreina Suellen Santos Lima | Carlos Eduardo da Costa Carmo | Cicero Victor Soares de Lima | Claudia Cristina Alves da Fonseca | Deysa Maria de Araujo Silva | Dhavi Lucas Leao Farias de Oliveira | Fabiana de Cássia de Araújo Silva (org.) | Fabiana dos Santos Ferreira da Silva | Felipe Alexandrino da Silva | Giovanna Carvalho Lira Matos | Giovanni Davi Rodrigues Barbosa | Ira Cesar de Araujo Barbosa | Juliene Maria Gomes da Silva | Karla Evellyn dos Santos Silva Coimbra | Kaylane Ferreira de Barros | Ludmyla Vitoria Brito de Souza Lima | Marcus Vinicius da Silva | Maria Edvania da Silva Santos | Maysa Mayara da Silva | Pedro Lucas Barbosa da Rocha | Rawmyller Ferreira da Silva | Rayanny Gabriella Rodrigues dos Santos | Rodrigo Pereyra de Sousa Coelho (org.) | Vitor da Silva Oliveira

2025

Apresentação

O músico John Lennon escreveu em 1980, na música Beautiful Boy (Darling Boy), que “vida é o que acontece contigo enquanto você está ocupado fazendo outros planos”. Em 2021, a grande maioria dos alunos e alunas que escreveram esse livro começou a concretizar o plano de se graduar no ensino superior pela Universidade Federal de Alagoas. Naquele ano, 40 novos alunos seguiram esse desejo. Agora, quatro anos e meio depois, 23 seguem tentando concretizá-lo.

Nas páginas a seguir, vamos acompanhar os perrengues, desafios e avanços dessa turma. Do susto com o curso de Administração Pública, passando pelo orgulho de estar em uma universidade federal e pela apreensão pela volta aos estudos depois de um tempo afastado, tivemos um amplo leque de emoções na chegada ao campus. Depois se seguiram aulas muito interessantes e outras muito chatas - o que teve mais? Teve aulas on line e presenciais, houve eventos, projetos e muito estudo e trabalho além da sala de aula. Não podemos esquecer a reforma do campus, que era para durar dois meses, mas acabou durando o dobro. Às vezes, a vida universitária parecia “um relógio quebrado, que insiste em marcar a mesma hora, sem dar sinal de avanço”. Em outras ocasiões, havia “desafios e conquistas na vida acadêmica e pessoal”.

Porém, esse livro não trata somente disso. Ele traz a vida que insistiu em continuar enquanto os estudantes corriam atrás de seus planos. Teve a pandemia, claro. Foi assim que tudo começou. Mas houve também o acirramento das tensões geopolíticas do mundo com a Guerra da Ucrânia e com a Guerra contra o povo Palestino. A velha crise climática que vinha nos ameaçando há décadas, parece que começou a colocar as manguinhas de fora, começando pelo Rio Grande do Sul, mas também alcançando Alagoas no caótico ano de 2022, bem quando as aulas tinham acabado de voltar. A política brasileira também seguiu tensa, com as eleições de 2022 sendo decididas por muito pouco e com a tentativa de golpe que se seguiu à derrota eleitoral do antigo presidente. Até como reflexo, o cinema nacional volta seus olhos para o período que inspirou esses golpistas e lança um filme que, com enorme emoção e sucesso, consegue o que nenhum outro filme teve: Ainda Estou Aqui (2024) ganhou pela primeira vez um Oscar para o Brasil.

Mas no aqui e agora, esse livro marca o fim do nono semestre do curso. Claro que alguns alunos ainda têm pendências a resolver - de disciplinas que ficaram para trás até o Trabalho de Conclusão de Curso que precisará ficar para um semestre posterior. Mas, a maioria encerra aqui esse plano. É hora de partir para novos projeto, para novos planos. Que esses planos se concretizem com o mesmo sucesso que tivemos neste caso.

Rodrigo Pereyra de Sousa Coelho

Fabiana de Cássia de Araújo Silva

Professores do curso de Administração Pública da UFAL

2021

Uma Travessia de Crises e Esperanças

Felipe Alexandrino da Silva

Ira Cesar de Araújo Barbosa

Juliane Maria Gomes da Silva

O ano de 2021 ficou marcado na história contemporânea como um período de transição, resistência e profundas transformações. Mais do que uma sucessão de eventos, foi um tempo em que a humanidade continuava se adaptando as novas formas de viver, enfrentando desafios e repensando suas estruturas sociais e políticas. A transição se revelou nas mudanças abruptas de rotina, nas tentativas de retomada e na reinvenção de práticas cotidianas. A resistência se manifestou na luta pela vida, na persistência diante da dor e na força coletiva para seguir em frente. E as transformações se impuseram nos campos da educação, da saúde, da economia, da cultura e da política, redesenhando o modo como nos relacionamos com o mundo.

No cenário mundial, a pandemia de COVID-19 ainda era o centro das atenções e preocupações. Apesar do avanço da vacinação em diversas regiões, a sensação de instabilidade e vulnerabilidade coletiva persistia. O surgimento de novas variantes do vírus, como a Delta, provocava sucessivos alertas sanitários e impactava diretamente os planos de retomada em todos os setores da sociedade. A crise sanitária escancarou desigualdades históricas, revelando os abismos sociais em países ricos e periféricos. Hospitais colapsados, falta de insumos médicos, crises econômicas prolongadas e instabilidade política afetaram diretamente a qualidade de vida de milhões de pessoas. Em alguns lugares, como em Manaus, no Brasil, o drama da escassez de oxigênio e a superlotação dos leitos hospitalares chamou atenção da mídia internacional e gerou mobilizações de socorro emergencial.

O mundo oscilava entre o medo e a esperança. A vacina, símbolo de avanço científico e colaboração internacional, tornou-se também objeto de disputas ideológicas e desigualdade no acesso. Enquanto países desenvolvidos aplicavam doses de reforço, muitos países em desenvolvimento ainda aguardavam a primeira remessa de vacinas. Nesse contexto, a pandemia não foi apenas um evento de saúde pública, mas um fenômeno social que impunha mudanças de paradigmas e novos modelos de convivência, ensino, trabalho e afeto.

No Brasil, o enfrentamento da pandemia seguiu em ritmo crítico. Altos índices de contágio e mortalidade se somavam ao desgaste emocional, econômico e político. O noticiário era marcado por imagens de sofrimento, luto e denúncias de má gestão pública. As incertezas quanto ao controle da pandemia impactavam diretamente o cotidiano das pessoas, seja na organização das políticas públicas, na manutenção do trabalho ou na reestruturação do ensino. A vacinação, iniciada de forma desigual e marcada por atrasos, gerava sentimentos ambíguos: esperança de retomar a rotina e medo das novas ondas de contágio. Muitos trabalhadores, especialmente os da administração pública, enfrentavam uma rotina desgastante, lidando com o trabalho presencial enquanto grande parte da população estava em trabalho remoto. Essa condição gerou exposição prolongada ao risco de contaminação, somada à pressão psicológica de manter a produtividade e o bem-

estar em um cenário adverso.

Logo nos primeiros meses, o Brasil enfrentou uma realidade devastadora. Hospitais lotados, filas por leitos de UTI e famílias dilaceradas pela perda de entes queridos tornaram-se imagens recorrentes. A segunda onda da pandemia revelou a fragilidade estrutural do sistema de saúde, com cenas dramáticas como a crise de oxigênio em Manaus, quando pacientes morreram asfixiados diante da escassez do insumo. As estatísticas de mortes, que cresciam de forma vertiginosa, não eram apenas números: representavam histórias interrompidas, lares quebrados e um luto coletivo que atravessava todas as classes sociais, embora pesasse mais fortemente sobre os mais pobres. Esse cenário gerou um silêncio simbólico nas cidades, mesmo quando as ruas permaneciam movimentadas. Era como se o cotidiano tivesse perdido parte de sua cor, substituída pela sombra da incerteza.

No meio desse contexto sombrio, a vacinação despontou como símbolo coletivo de esperança. O simples gesto de estender o braço e receber uma dose de imunizante deixou de ser apenas um ato médico e passou a representar um pacto social em defesa da vida. Contudo, o processo não se deu sem percalços. O Brasil enfrentou um início lento, envolto em disputas

políticas, atrasos na compra de vacinas e desconfiança disseminada por discursos negacionistas. A ansiedade da população aumentava a cada semana em que o cronograma parecia insuficiente. Apesar disso, com a chegada gradual das doses, o país assistiu a cenas emblemáticas: filas longas e ordeiras, compostas por pessoas de diferentes idades, ansiosas por garantir sua proteção. Cada seringa aplicada era carregada de significados: a lembrança de abraços interrompidos, a memória dos que não resistiram e a promessa de reencontros futuros.

Enquanto a saúde pública travava batalhas diárias contra o vírus, a esfera política se tornava palco de disputas intensas. A Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da pandemia, realizada no Senado Federal, assumiu um caráter quase teatral, transmitida ao vivo e acompanhada com grande interesse pela população. Mais do que uma investigação sobre omissões e irregularidades na condução da crise, a CPI expôs as fraturas profundas da sociedade brasileira. O país estava polarizado, dividido entre narrativas antagônicas sobre responsabilidades e versões da realidade. As sessões eram marcadas por depoimentos tensos, contradições, denúncias de corrupção na compra de vacinas e acusações de negligência.

A comissão tornou-se símbolo de um Brasil que buscava respostas, mas também de um país imerso em disputas políticas acirradas, onde a dor coletiva era, muitas vezes, instrumentalizada em embates ideológicos. Paralelamente à pandemia e às tensões políticas, o Brasil enfrentava uma grave crise econômica. O desemprego

manteve-se em níveis alarmantes, corroendo a dignidade de milhões de famílias. A inflação avançava silenciosamente, afetando de forma direta o cotidiano: o preço do arroz e do feijão subia, a carne tornava-se artigo de luxo e os combustíveis aumentavam de forma constante. Cada ida ao supermercado se transformava em um exercício de cálculo e renúncia. As famílias precisavam redefinir prioridades, reduzindo o consumo de itens básicos. O aumento da conta de luz, provocado pela crise hídrica e pela dependência das usinas termelétricas, foi outro símbolo da vulnerabilidade do país. A energia, tão fundamental para a vida moderna, tornou-se um peso adicional em orçamentos já fragilizados.

Nesse contexto, a desigualdade social - traço histórico do Brasil - se intensificou. Enquanto alguns conseguiam manter o trabalho em regime remoto, milhões enfrentavam a precarização ou a completa ausência de renda. O Brasil em 2021 não esteve isolado. O planeta inteiro compartilhava dilemas semelhantes, ainda que em intensidades distintas. A COP 26, realizada em Glasgow, chamou a atenção para a urgência da luta contra as mudanças climáticas. O Brasil, dono da maior parte da floresta amazônica, esteve no centro das discussões. As críticas ao avanço do desmatamento colocaram o país em uma posição delicada diante da comunidade internacional. A Amazônia, patrimônio natural da humanidade, tornava-se palco de debates diplomáticos, de disputas por narrativas e de cobranças severas por parte de outros países. Nesse cenário, a imagem brasileira sofreu desgastes significativos, impactando sua credibilidade global.

No campo geopolítico, o ano também foi marcado por acontecimentos de grande repercussão. A retirada das tropas americanas do Afeganistão, após vinte anos de ocupação, revelou a fragilidade do sistema internacional diante de territórios complexos e marcados por conflitos. As imagens de civis desesperados tentando embarcar em aviões militares correram o mundo, simbolizando não apenas o colapso local, mas também a limitação do poder das grandes potências diante de realidades profundamente enraizadas.

O impacto psicológico foi significativo. O cansaço mental, a sobrecarga de responsabilidades e a ausência de espaços de lazer e sociabilidade afetaram a saúde emocional de grande parte da população. Muitos relataram dificuldade de concentração, insônia, crises de ansiedade e sensação de impotência. No entanto, ao mesmo tempo em que havia dor, também emergiam narrativas de resistência, reinvenção e aprendizado diante das adversidades. No contexto nacional, essa travessia assumiu contornos ainda mais intensos. Como em um grande palco, dramas coletivos e individuais se entrelaçaram em uma narrativa marcada pela dor, mas também pela capacidade de reinvenção. Foi um período em que a esperança e o medo se confrontaram diariamente, e em que a ciência, a política e a solidariedade se tornaram pilares de resistência em meio ao caos.

Um dos maiores desafios foi a manutenção da educação em meio ao isolamento social. Com as instituições de ensino atuando através do ensino remoto emergencial, estudantes e professores precisaram reinventar a dinâmica pedagógica em tempo recorde. As dificuldades eram múltiplas: acesso precário à internet, falta de equipamentos adequados, ausência de interação direta com colegas e docentes, além do acúmulo de tarefas e responsabilidades paralelas. O ensino remoto, a partir da percepção dos estudantes, teve suas controvérsias. Houve casos de abandono temporário do curso, dificuldade de adaptação aos novos horários e formatos de aula, desmotivação com a ausência de interação e impossibilidade de conciliar os compromissos profissionais com a rotina acadêmica. Além disso, a impossibilidade de participar presencialmente da vida universitária gerou frustrações, pois o início da graduação, geralmente repleto de ritos, encontros e trocas, passou a ser vivido por meio de telas, câmeras desligadas e silêncios prolongados.

Ainda assim, diante do cenário hostil, muitos encontraram formas alternativas de continuar seus percursos. A flexibilidade do ensino remoto permitiu a alguns o envio de atividades em horários alternativos, facilitando a permanência no curso. Outros enxergaram na educação à distância uma possibilidade de recomeço e adaptação, mesmo com todos os percalços. E meio ao caos, surgiram redes de apoio entre estudantes veteranos e calouros, estratégias de acolhimento e incentivo que fizeram a diferença para muitos que pensavam em desistir. O ingresso dos estudantes no ensino superior, especialmente na universidade pública federal, foi um marco. Muitos desses ingressantes carregavam histórias de mudanças de rota, pausa nos estudos e recomeços. A escolha do curso, para muitos, não foi fruto de um sonho, mas de uma necessidade prática e racional. As limitações econômicas, as condições geográficas e a necessidade de permanecer trabalhando fizeram com que alguns optassem por cursos ofertados em horário noturno.

Em diversos relatos, destaca-se a importância da UFAL como símbolo de conquista pessoal e familiar. Mesmo quando o curso escolhido não era o “plano A”, a possibilidade de ingressar em uma universidade pública representava a concretização de um sonho. A emoção de ser chamado para a graduação, mesmo que por meio de uma simples mensagem de um veterano, tornou-se um marco na trajetória de muitos. A acolhida fez a diferença. E, mesmo com as dificuldades do ensino remoto, o pertencimento à universidade foi se consolidando aos poucos. A convivência com as disciplinas iniciais, com professores engajados e metodologias inovadoras, também contribuiu para despertar nos estudantes o interesse pelo curso e ampliar a compreensão sobre o papel da Administração Pública na sociedade. Em meio a números, gráficos, teorias sociais e debates políticos, os estudantes foram moldando sua identidade acadêmica e compreendendo que, mesmo começando em meio ao caos, estavam construindo algo maior: sua formação como cidadãos críticos

e atuantes.

Apesar de tanto peso, a humanidade insistia em abrir espaços para a beleza e para a resistência simbólica. Os Jogos Olímpicos de Tóquio, adiados em 2020, foram realizados em 2021 sob rígidos protocolos de segurança. Sem público nas arquibancadas, mas transmitidos ao mundo inteiro, os jogos mostraram que o espírito humano não se rende. Cada prova, cada medalha, cada gesto de superação dos atletas carregava um significado que ultrapassava o esporte: era uma afirmação de vida diante da morte, de resistência diante do caos. Para o Brasil, os resultados olímpicos também trouxeram orgulho e inspiração, em meio a tantas notícias duras.

No campo cultural, ainda que timidamente, a retomada de shows, peças de teatro e exposições artísticas trouxe alento. Famílias puderam se reencontrar, artistas voltaram aos palcos e espaços públicos redescobriram sua vocação de convivência. A máscara, ainda presente, não escondia os sorrisos estampados nos olhos das pessoas. Cada pequeno gesto de normalidade ganhava peso simbólico imenso.

O ano consolidou-se, assim, como um ano de limiares e transição. Não representou a vitória definitiva sobre a pandemia, tampouco a plena recuperação econômica ou a reconciliação política. Foi, antes, um tempo de aprendizado, em que a humanidade percebeu que a vida não volta exatamente ao que era, mas se reinventa em novos moldes. O Brasil, em particular, mostrou sua capacidade de resiliência, mas também revelou as profundas cicatrizes de suas desigualdades históricas. O ano expôs tanto a vulnerabilidade quanto a força do povo brasileiro: vulnerável diante das crises, mas forte ao se reinventar diariamente.

As marcas de 2021, assim como de 2020 (quando se iniciou a pandemia), permanecem como ecos que moldaram os anos seguintes, servindo de alerta e, ao mesmo tempo, de inspiração. Foi um ano em que a história deixou de ser apenas uma narrativa nos livros e passou a ser uma experiência vívida, compartilhada por todos. Para muitos, 2021 foi um ponto de virada. Um ano em que planos precisaram ser refeitos, sonhos adiados foram retomados e o impossível se tornou possível, ainda que de forma inesperada. O ensino remoto, o trabalho presencial, os cuidados com a saúde, as perdas e conquistas se entrelaçaram para compor um retrato complexo e profundamente humano do que foi viver nesse tempo.

Assim, ao olhar para o ano de 2021, não se pode apenas contabilizar dores e dificuldades. É necessário reconhecer a coragem de quem persistiu, a resiliência de quem se adaptou e a esperança de quem seguiu acreditando. Mais do que um ano de pandemia, foi um ano de resistência e reconstrução. E para muitos, foi o início de uma nova história - o ingresso na graduação. Mais do que um ano de sobrevivência,

foi um ano de recomeços. Um tempo em que o mundo aprendeu, de forma coletiva e dolorosa, que o futuro não é algo dado, mas algo construído - passo a passo, entre quedas e reerguimentos, entre perdas e descobertas. Essa talvez seja sua maior lição: o reconhecimento de que, mesmo diante da dor, a humanidade tem a capacidade de resistir e de se reinventar. O Brasil, com todas as suas contradições, escreveu em 2021 um capítulo de sua história que não será esquecido: o capítulo da luta pela vida, da disputa de narrativas e da teimosa insistência em sonhar com dias melhores.

2021

Da Pausa à Persistência: Superação dos Ingressantes de 2021

Carlos Eduardo da Costa Carmo

Cicero Victor Soares de Lima

Dhavi Lucas Leão Farias de Oliveira

Pedro Lucas Barbosa da Rocha

O ano de 2021 representou um período de recomeço na trajetória de diversos estudantes que iniciaram sua jornada acadêmica no curso de Administração Pública da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Mais do que um marco, esse período reflete processos de adaptação, reinvenção de expectativas e desafios impostos pela pandemia, que transformaram a experiência universitária em um espaço de reflexão, resiliência e reconstrução de rotinas e projetos de vida.

Embora cada caminho tenha suas singularidades, existem elementos comuns nos relatos dos ingressantes. Muitos vinham de um encerramento recente do ensino médio, vivido de forma atípica devido à pandemia: sem celebrações. Como se o ciclo não tivesse realmente terminado. Para esses estudantes, a UFAL representava um passo imediato, uma continuidade da vida escolar que, em circunstâncias normais, teria sido marcada por ritos de passagem importantes: colação de grau, celebrações e despedidas. No entanto, a pandemia roubou esses momentos. Muitos relataram que sentiram como se o ensino médio tivesse ficado inacabado, e a entrada no curso superior ocorreu de forma silenciosa, quase sem perceberem que um ciclo havia terminado e outro estava começando.

Essa transição direta trouxe sentimentos ambíguos. De um lado, havia entusiasmo pela conquista de uma vaga em uma universidade pública, orgulho por serem, em muitos casos, os primeiros da família a alcançar esse feito e a sensação de não terem “perdido o ritmo” dos estudos. De outro, havia insegurança e frustração: a experiência universitária, tão idealizada ao longo da juventude, surgiu de forma remota, limitada a telas, ícones e câmeras desligadas. Em vez de corredores cheios, novos amigos e debates presenciais, o que predominava era o silêncio das aulas online, a dificuldade de interação com professores e colegas, e uma sensação constante de isolamento.

O ingresso direto após o ensino médio, portanto, não representou apenas a continuidade linear dos estudos, mas também um mergulho precoce em um ambiente exigente e desconhecido, que demandava maturidade, autonomia e resiliência em meio ao caos da pandemia.

Se, por um lado, havia os que seguiram sem interrupções, lidando com a transição imediata da escola para a universidade, por outro lado havia também aqueles que carregavam uma incógnita ainda maior: os que se afastaram dos estudos por alguns anos, tentando equilibrar trabalho, responsabilidades familiares ou lidando com frustrações de tentativas anteriores.

Para muitos desses jovens, a decisão foi interromper a trajetória educacional logo após o ensino médio, seja por vontade própria ou por necessidade.

Esse afastamento, longe de ser apenas um intervalo, transformou-se em um tempo de silêncio fértil, no qual dúvidas ganharam espaço, sonhos amadureceram e novas rotas começaram a ser desenhadas. Esse tempo, que alguns chamam de “ano sabático”, não foi necessariamente preenchido por viagens ou atividades programadas, como sugere a ideia clássica do termo. Na maioria dos relatos, ele esteve marcado por reflexão, trabalho, responsabilidades familiares ou simplesmente exaustão mental após anos de ensino básico, muitas vezes em contextos de pressão e falta de recursos. O cansaço acumulado pelos desafios do ensino médio, ainda mais quando este foi finalizado em meio à pandemia, impulsionou a decisão de pausar.

Maria Edvania é um exemplo disso. Ao concluir o ensino médio, decidiu que não faria o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) naquele ano. Queria apenas descansar. À primeira vista, a decisão parecia sensata: dar um tempo a si mesma após tantos anos dedicados aos estudos. Porém, como ela mesma relata, a pausa teve um preço: perder o ritmo, desorganizar a rotina e lidar com a ansiedade de ver o tempo passar enquanto outras pessoas “avançavam”. Ainda assim, essa mesma pausa permitiu que ela voltasse com mais clareza de seus limites e propósitos. Juliene também tirou um tempo para refletir antes de retomar os estudos. Nesse intervalo, viveu experiências profissionais e pessoais que ressignificaram sua visão sobre o futuro. Inicialmente voltada à Psicologia, acabou optando por Administração Pública, um curso que, à primeira vista, não era o desejado, mas que se revelou compatível com sua realidade prática e suas aspirações profissionais. Esses relatos revelam que o tempo fora da escola não é necessariamente um tempo perdido. Pelo contrário: é, muitas vezes, um momento de reorientação interna. Há uma força em parar, observar e só então continuar, força essa frequentemente subestimada por uma cultura que valoriza apenas o avanço linear e contínuo.

Assim, o tempo sabático vivido por alguns calouros da UFAL em 2021 não foi uma pausa na vida, mas um capítulo silencioso e fértil. Foi nesse intervalo, muitas vezes marcado por incertezas, que surgiram novos desejos, que o medo do vestibular se transformou em coragem de tentar outra vez, e que o sonho do ensino superior passou a ser encarado não apenas como uma meta acadêmica, mas como uma decisão de responsabilidade e autoconhecimento.

Tanto para os que ingressaram diretamente quanto para os que fizeram pausas, o momento da escolha do curso apareceu, muitas vezes, mais como consequência das circunstâncias do que de um planejamento vocacional. Nesse sentido, a opção por Administração Pública raramente foi fruto de um projeto claramente definido. Em boa parte dos casos, tratou-se de uma decisão prática, influenciada por fatores como oferta de vagas, localidade acessível e horário noturno que possibilitava a conciliação com o trabalho.

Diversos relatos revelam que a escolha pelo curso noturno não foi uma preferência, mas uma possibilidade viável e, em alguns casos, a única. Estudar à noite permitia que o restante do dia fosse dedicado ao trabalho, muitas vezes informal ou em condições de vulnerabilidade. Foi o caso de estudantes como Giovanni e Rawmyller, que precisavam ajustar os estudos às demandas profissionais. O tempo para realizar as atividades acadêmicas era comprimido aos fins de semana, às madrugadas ou aos raros momentos de folga. O ensino remoto, ao mesmo tempo em que ofereceu uma saída para manter os estudos em meio à pandemia, revelou-se também uma armadilha para quem precisava conciliar múltiplas tarefas. A ausência de fronteiras físicas entre casa, trabalho e universidade fez com que tudo se misturasse.

Alguns estudantes admitiram, inclusive, que não sabiam do que realmente se tratava o curso quando optaram por ele. Houve quem tivesse o objetivo inicial de cursar outras áreas como Psicologia, Direito, Medicina Veterinária, Ciências Contábeis ou Engenharia, mas, por motivos financeiros, logísticos ou pelas notas de corte, acabaram recalculando a rota. Contudo, o que poderia ser apenas um “plano B” acabou se revelando um terreno fértil de descobertas. Conforme o curso se desenrolava, mesmo que à distância, os estudantes começaram a ressignificar sua escolha. Ao entrarem em contato com disciplinas, muitos perceberam que estavam, afinal, diante de uma formação que dialogava com seu desejo de transformação social, de estabilidade profissional ou de valorização do serviço público.

Para outros, a motivação era mais simbólica: a conquista de uma vaga na universidade representava um marco. Ser o primeiro da família a entrar numa universidade pública carregava um peso emocional imenso. Não era apenas sobre si, era também sobre os pais que não puderam estudar, sobre os irmãos mais novos que agora tinham uma nova referência.

Ainda assim, essa transição não foi isenta de conflitos. Muitos estudantes sentiram-se deslocados nas primeiras semanas, questionaram se haviam feito a escolha certa, sentiam-se mal por não entenderem o conteúdo logo de início, ou simplesmente pensaram em desistir frente ao cansaço e os percalços do ensino remoto. Mas, curiosamente, foram essas próprias adversidades que os fortaleceram. A permanência no curso, mesmo em meio às incertezas e limitações, passou a representar um ato de resistência, de fidelidade a um projeto de vida que ainda estava sendo desenhado.

Ao fim do ano, boa parte desses estudantes não só se reconhecia como parte da universidade, mas já construía laços com a Administração Pública como área de atuação, percebendo nela um campo plural, com possibilidades que iam desde a gestão de políticas públicas até a atuação técnica em órgãos governamentais. O que

começou como um plano improvisado, uma escolha “porque era o que dava”, transformou-se, para muitos, em um novo horizonte de sentido.

Enquanto as escolhas iam sendo ressignificadas, outro elemento atravessava todas as trajetórias: a pandemia de COVID-19. Ela impôs ao mundo acadêmico uma mudança brusca e sem precedentes: a transição repentina para o ensino remoto. As aulas não aconteciam em salas com carteiras enfileiradas, quadros brancos e agitação de corredores. Elas se desenrolavam por meio de plataformas digitais como Google Meet, AVA, SIGAA e até WhatsApp. Mas, ao invés de interação e debate, o que predominava era o silêncio. Microfones desligados, câmeras ausentes e uma tela tomada por ícones ou nomes impessoais.

Essa ausência de vozes e rostos criou uma experiência marcada por distanciamento emocional e sensação de não pertencimento. Muitos estudantes relatam que demoraram a se sentir, de fato, parte da universidade. A ausência de vínculos os fazia questionar sua permanência. Era como se estivessem apenas cumprindo tarefas, entregando atividades, mas sem conseguir enxergar o significado mais amplo da vida universitária.

Alguns professores, por sua vez, também enfrentavam dificuldades. Não era raro ver docentes desanimados com a falta de retorno dos alunos, ou despreparados para lidar com a tecnologia. Além disso, a transição repentina para plataformas online não veio acompanhada de treinamentos estruturados, e em vários momentos, a didática tradicional precisou ser recriada às pressas.

No entanto, mesmo em meio a esse cenário desafiador, alguns docentes conseguiram se destacar positivamente, criando um ambiente mais acessível e acolhedor. O professor Rodolfo, que lecionava Raciocínio Lógico, foi frequentemente citado por sua didática clara e pela estratégia de combinar vídeos explicativos com atividades prévias, criando um espaço em que os estudantes se sentiam estimulados a participar, mesmo que virtualmente. Já o professor Marconi, da disciplina Sociedade e Cultura, foi lembrado por trazer um olhar crítico e sensível sobre temas sociais, oferecendo um conteúdo que transcendia a técnica e tocava questões reais do cotidiano dos alunos. Num ambiente em que era fácil se perder, os docentes que se mostraram presentes se tornaram pontos de referência e até de afeto.

A experiência dos estudantes de 2021 evidenciou, de maneira muito clara, as desigualdades digitais no Brasil. Se, para alguns estudantes, a adaptação ao ensino remoto foi apenas uma questão de ajustar horários e descobrir novas ferramentas, para outros a barreira era bem mais concreta: a falta de internet de qualidade, a inexistência de equipamentos adequados ou até mesmo a ausência de um espaço silencioso para estudar em casa. Relatos de alunos que dividiam um único celular

entre irmãos ou que precisavam acompanhar aulas utilizando dados móveis são exemplos reais dessa disparidade. A chamada "inclusão digital", nesse contexto, não era um termo abstrato, mas uma necessidade urgente e não atendida de maneira suficiente.

Mas as dificuldades não pararam aí. Para além do distanciamento emocional causado pelas aulas virtuais, muitos estudantes ainda precisavam enfrentar o desafio cotidiano de conciliar trabalho, família e universidade. Muitos relataram a sensação de sufocamento diante do volume de tarefas, prazos e provas, especialmente quando o curso tentava manter o ritmo e carga de um semestre presencial. Sem o deslocamento até a sala de aula, esperava-se que o aluno estivesse sempre disponível, sempre conectado, sempre pronto. No entanto, para quem dividia o tempo entre o sustento da casa, o cuidado com filhos, a vida doméstica e as pressões emocionais da pandemia, estar "presente" em aula significava mais do que abrir uma aba no navegador. Era, muitas vezes, um ato de resistência.

Houve, também, quem decidisse fazer o caminho oposto: abrir mão do emprego para tentar se dedicar integralmente aos estudos, mesmo sem garantias de estabilidade. A escolha foi difícil, cheia de incertezas financeiras, mas feita com a convicção de que investir no estudo era investir num futuro mais digno – não apenas para si, mas para toda a família.

A conciliação entre trabalho e estudo é, portanto, mais do que uma questão de tempo: é uma questão de resistência social, de permanência e de classe. Cada disciplina superada não é apenas um passo no currículo: é uma vitória silenciosa sobre um sistema que, muitas vezes, não foi feito para acolher quem precisa se dividir para existir.

Nesse cenário, permanecer no curso – mesmo à distância, mesmo cansado, mesmo sem câmera ou com conexão instável – tornou-se, por si só, um gesto de resistência e conquista.

Os estudantes relataram que, ao longo dos meses, foram desenvolvendo habilidades que não estavam nos planos de ensino, mas que se tornaram essenciais para sobreviver e crescer dentro da nova realidade: autonomia, resiliência e capacidade de organização. Aprenderam a lidar com múltiplos prazos, a filtrar o que era realmente importante entre tantas demandas, a buscar por conta própria os materiais que não eram bem explicados em aula e, principalmente, a não desistir diante da frustração.

Essa autonomia, contudo, não foi fruto de um processo espontâneo ou confortável. Ela nasceu muitas vezes do abandono: quando o professor não explicava, quando o colega não respondia, quando a aula parecia mais uma transmissão do que

um espaço de troca. Foi nesse vácuo que muitos estudantes aprenderam a ser seus próprios tutores, sua própria motivação.

Manter boas notas, acompanhar as disciplinas, entender textos acadêmicos, mesmo diante da precariedade de recursos, foram vitórias que não cabem apenas nos boletins. Muitos alunos enfrentaram, simultaneamente, a falta de estrutura e o esgotamento mental. E mesmo assim permaneceram. Essa permanência não deve ser vista apenas como cumprimento de uma obrigação acadêmica, mas como uma demonstração de coragem diante de um cenário que parecia constantemente desfavorável.

Outro ponto essencial diz respeito à permanência estudantil. A UFAL, assim como outras universidades públicas, buscou oferecer auxílios financeiros, bolsas e programas de inclusão digital. No entanto, a demanda era sempre maior que os recursos disponíveis. Para muitos, a bolsa de R\$ 400 ou o auxílio tecnológico foram fundamentais para evitar a evasão. Esse suporte financeiro não representava apenas dinheiro, mas dignidade e a possibilidade real de continuar estudando.

As histórias dos estudantes deixam claro que a permanência na universidade é, muitas vezes, um ato coletivo. Pais, irmãos, amigos e até vizinhos participaram desse processo, oferecendo apoio moral, dividindo equipamentos ou assumindo responsabilidades domésticas para que o estudante pudesse assistir às aulas. Dessa forma, o ingresso e a permanência no ensino superior se mostraram um esforço compartilhado, que ultrapassa os limites individuais.

O ano de 2021 não foi apenas um marco inicial para a turma de Administração Pública, mas também um espelho das desigualdades sociais e, ao mesmo tempo, da força de resistência dos estudantes. O aprendizado daquele ano não se limitou aos conteúdos de sala de aula. Ele se traduz em valores como resiliência, solidariedade, senso crítico e, principalmente, esperança. Hoje, ao olhar para trás, é possível perceber que esse período formou não apenas futuros profissionais da Administração Pública, mas cidadãos mais conscientes de seu papel na transformação social.

Este artigo é, em essência, um testemunho de superação coletiva. Ele nos lembra que a universidade é muito mais do que um espaço de transmissão de conhecimento: é um lugar de luta, de resistência e de sonhos que insistem em florescer, mesmo nos solos mais áridos. Cada trajetória narrada carrega em si não apenas a busca individual pelo saber, mas também a força de um coletivo que, mesmo diante das adversidades impostas pela pandemia, pela falta de recursos e pelas incertezas do futuro, encontrou meios de permanecer. A Universidade, nesse sentido, revelou-se não apenas como instituição acadêmica, mas como um espaço

simbólico de esperança, em que cada aluno representa a possibilidade de transformar não apenas a si mesmo, mas também a realidade social que o cerca.

2022

Conflitos, Clima e Tecnologia: Um Retrato de um Mundo em Transição

Acsa Mickaelly de Souza Santos

Cláudia Cristina Alves da Fonseca

Rawmyller Ferreira da Silva

Vitor da Silva Oliveira

O ano de 2022 se firmou como um ponto de mudança na história recente, marcado por uma confluência de crises que se entrelaçam e redefinem a dinâmica global. Enquanto o mundo ainda se recuperava da pandemia de COVID-19, uma série de eventos geopolíticos, econômicos e ambientais desencadeou uma nova era de turbulência. O Brasil, nesse cenário, não foi um mero espectador, mas sim um microcosmo onde as tensões globais se manifestaram de forma intensa, moldando um ano de profunda polarização política, tragédias climáticas e desafios sociais.

Dentre os principais eventos globais que moldaram este cenário, destacam-se: A invasão da Ucrânia e suas consequências; As crises climáticas; O Cenário Político no Brasil; A Dinâmica Econômica e Social; A saúde pública em transição; A retomada da Cultura e do Esporte e a Tecnologia e o Legado de 2022.

A invasão da Ucrânia e suas Consequências

O principal evento de 2022 foi o retorno da guerra de larga escala à Europa, com a invasão da Ucrânia pela Rússia em 24 de fevereiro. Este conflito, o maior no continente em décadas, teve impactos sociais, políticos e econômicos que reverberaram por todo o globo. A comunidade internacional, liderada por nações ocidentais, respondeu com sanções econômicas severas contra a Rússia, que, por sua vez, viu sua inflação anual atingir o maior nível desde 2002.

A guerra catalisou uma crise energética sem precedentes na Europa, um continente altamente dependente do gás russo. A interrupção do fornecimento levou a um aumento acentuado nos preços de combustíveis fósseis e da eletricidade, forçando governos a adotarem medidas emergenciais para mitigar os impactos em cidadãos e empresas. Essa crise também acelerou a busca por fontes de energia alternativas, impulsionando a transição para energias renováveis, como a energia solar.

Além da crise energética, o conflito teve um impacto direto na segurança alimentar global. Com a Ucrânia sendo um dos maiores exportadores de grãos, a interrupção da produção e exportação de trigo e milho fez com que os preços das commodities disparassem para os níveis mais altos desde 2008, contribuindo para a insegurança alimentar em várias partes do mundo.

Crises Climáticas

Paralelamente ao conflito geopolítico, o ano de 2022 marcou o momento em que os efeitos das mudanças climáticas se tornaram inegáveis e letais. O Brasil e o mundo enfrentaram eventos climáticos extremos com um alto custo humano e econômico.

Globalmente, as inundações no Paquistão foram descritas como as piores da história do país, submergindo um terço do território e afetando a vida de cerca de 33 milhões de pessoas, com perdas econômicas estimadas em até US\$ 30 bilhões. Na Europa, uma onda de calor extremo resultou em uma estimativa de 70 mil mortes em todo o continente, impactando a saúde humana, a agricultura e a infraestrutura.

No Brasil, o ano foi o mais letal da última década para desastres relacionados a chuvas, com 457 mortes registradas apenas nos primeiros cinco meses. A tragédia de Petrópolis (RJ) foi o maior desastre da história da cidade, com mais de 230 mortos e milhares de desabrigados. As chuvas também causaram inundações e deslizamentos no Sul da Bahia e em Pernambuco, com dezenas de mortos e milhares de desabrigados.

Em Alagoas, as chuvas de 2022 tiveram um impacto devastador, com o governo do estado decretando situação de emergência em 56 municípios. O quadro foi de uma crise humanitária significativa, com mais de 56 mil pessoas ficando desabrigadas ou desalojadas, e seis mortes sendo registradas em diversas localidades, incluindo Palmeira dos Índios e São Miguel dos Campos. O temporal causou o transbordamento dos rios Paraíba e Mundaú, que elevaram seus níveis em até dois metros em alguns pontos, levando à interdição de importantes rodovias como a BR-104 e a BR-101.

O impacto das chuvas em algumas das principais cidades do estado foi particularmente severo. Na capital, Maceió, a Defesa Civil atendeu a mais de 3.500 ocorrências ao longo do ano, com um pico de 657 registros somente em maio. Em julho, uma enchente causada pelo transbordamento da Lagoa Mundaú resultou em 2.608 ligações de emergência.

No interior, a cidade de Palmeira dos Índios registrou um óbito e enfrentou a ruptura de uma ponte na Aldeia Fazenda Canto, que colocou cerca de 70 famílias indígenas em risco de ficarem ilhadas. Em novembro, a cidade foi atingida por mais um temporal, com um volume de mais de 100 mm de chuva em menos de duas horas. Em Arapiraca, mais de 20 famílias ficaram

desabrigadas nos bairros Brasiliana e Olho d'Água dos Cazuzinhas, o que levou a prefeitura a cancelar os festejos juninos para direcionar os esforços de assistência à população afetada.

Outras cidades também sofreram com os efeitos das chuvas. Coruripe, por exemplo, teve o maior número de desabrigados e desalojados em Alagoas, com 3.836 pessoas em junho, seguido por São Miguel dos Campos (2.906) e Penedo (1.982), que também tiveram um grande número de moradores que precisaram deixar suas casas.

O Cenário Político no Brasil

No Brasil, o ano foi amplamente definido por um "clima de polarização acirrada" que se manifestou de forma intensa em todos os âmbitos da vida nacional. O evento mais marcante foi a eleição presidencial, que se tornou a mais acirrada da história do país. A disputa entre Luiz Inácio Lula da Silva e o então presidente Jair Bolsonaro foi decidida no segundo turno, com Lula sendo eleito com 50,90% dos votos válidos, contra 49,10% de Bolsonaro. A margem de vitória foi de pouco mais de 2 milhões de votos, um resultado sem precedentes. A votação revelou uma profunda divisão regional, com Lula vencendo em todos os estados do Nordeste, enquanto Bolsonaro dominou as regiões Sul e Centro- Oeste.

A intensidade do pleito foi precedida por um período de forte questionamento ao sistema eleitoral. Em resposta a esse clima de incerteza, um movimento em defesa das instituições democráticas ganhou força. A "Carta às Brasileiras e aos Brasileiros em Defesa do Estado Democrático de Direito", elaborada pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), foi um dos seus símbolos mais significativos. Inspirada em um manifesto de 1977, durante a ditadura militar, a nova carta rapidamente reuniu um apoio massivo e multifacetado, com mais de 1 milhão de assinaturas. O documento foi lido em um ato público no dia 11 de agosto, em um gesto de reafirmação do respeito à soberania do voto.

A eleição serviu como um catalisador que expôs as fissuras na sociedade e no sistema político. O resultado apertado e a divisão regional foram a materialização de uma polarização que se aprofundou por anos, e sua consequência imediata foi a eclosão de protestos pós-eleitorais. Imediatamente após a confirmação da vitória de Lula, caminhoneiros e manifestantes bolsonaristas bloquearam rodovias em 25 estados e no Distrito Federal. Manifestantes também acamparam em frente a quartéis das Forças Armadas,

em cidades como São Paulo e Brasília, pedindo "intervenção federal" ou "intervenção militar". O clamor por um golpe de Estado nas redes sociais do Exército aumentou o número de seguidores de forma exponencial, o que, por sua vez, levou a Força a implementar uma política de moderação de conteúdo em suas plataformas digitais. A Polícia Federal investigou os atos por supostos financiamentos por empresários.

A Dinâmica Econômica e Social

A economia brasileira em 2022 apresentou um desempenho surpreendentemente positivo, em contraste com a turbulência política. O Produto Interno Bruto (PIB) acumulou uma alta de 2,9% no ano, mantendo o ritmo observado no ano anterior. A economia foi impulsionada pelo forte desempenho do setor de serviços. A inflação (IPCA) também deu sinais de desaceleração, caindo para 6,3% em setembro, em grande parte devido à queda de impostos sobre combustíveis e energia.

No entanto, a recuperação macroeconômica não foi inclusiva e coexistiu com uma realidade social alarmante. O crescimento do PIB, impulsionado por estímulos fiscais e programas de auxílio de curto prazo como a "PEC dos Benefícios", não foi suficiente para reverter a insegurança alimentar, um problema agravado pelo cenário internacional de alta nos preços das commodities. Um estudo da Fiocruz revelou que as hospitalizações de bebês menores de 1 ano por desnutrição atingiram o maior patamar dos últimos 13 anos.

Saúde Pública em Transição

A saúde pública, global e nacionalmente, entrou em uma nova fase em 2022. O Brasil encerrou o estado de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) em 22 de maio, após dois anos de vigência, devido ao avanço da vacinação e a um cenário epidemiológico mais ameno. No entanto, o mundo foi imediatamente testado por um novo surto: a varíola dos macacos (mpox), que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou como uma Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional em julho.

O ano também foi marcado pela queda preocupante na cobertura vacinal contra a poliomielite, que levou a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) a emitir um alerta sobre o "risco muito alto" de reintrodução da doença no Brasil. O país, que não registra um caso de pólio há 32 anos, teve uma

campanha nacional que imunizou mais de 52% das crianças, mas a cobertura vacinal geral caiu em todas as regiões, em parte devido à hesitação e desinformação, e à desigualdade no acesso aos serviços de saúde.

A saúde mental da população também foi um tema central. Especialistas descreveram a situação como uma "segunda pandemia" no Brasil, com o aumento de quadros de ansiedade e depressão após a crise sanitária. Dados do Datasus mostraram que os óbitos por lesões autoprovocadas dobraram nos últimos 20 anos, e os indícios apontam para um aumento ainda maior desse percentual após a pandemia. Além disso, o país registrou 1,3 milhão de ocorrências de dengue em 2022, com 999 mortes confirmadas, o maior número anual de óbitos pela doença desde 2015.

Retomada da Cultura e do Esporte

O ano de 2022 também foi marcado pela retomada dos grandes eventos e por fenômenos midiáticos que demonstraram a ânsia da população por normalidade, ao mesmo tempo que revelam as novas dinâmicas da cultura e do entretenimento. Os desfiles do Carnaval em São Paulo e no Rio de Janeiro, por exemplo, que não ocorreram na data tradicional de fevereiro por conta da variante Ômicron do coronavírus, aconteceram em abril. Grandes festivais de música como Lollapalooza e Rock in Rio voltaram a acontecer e reuniram multidões, simbolizando um lento retorno à vida social pós-pandemia.

No esporte, a Copa do Mundo no Catar monopolizou as atenções no final do ano. A Seleção Brasileira, considerada a favorita e a segunda equipe mais valiosa do torneio, gerou grande expectativa. No entanto, o sonho do hexacampeonato foi interrompido nas quartas de final, com a eliminação nos pênaltis para a Croácia, resultando na pior colocação do Brasil em Copas do Mundo desde 1990.

Paralelamente aos eventos organizados, a esfera midiática global foi palco de acontecimentos espontâneos que geraram intensos debates e reflexões. A cerimônia do Oscar, por exemplo, foi marcada pelo episódio em que o ator Will Smith deu um tapa no comediante Chris Rock ao vivo, após uma piada sobre sua esposa, Jada Pinkett Smith. O vídeo viralizou em minutos, e o desdobramento tornou-se um escândalo de repercussão mundial. Smith foi banido da Academia por 10 anos. Chris Rock respondeu publicamente em um especial de comédia meses depois, e a própria instituição do Oscar reformulou seus protocolos de crise mostrando como um único momento pode levantar questões complexas sobre humor, respeito, violência e saúde mental, além de

escancarar o poder de fogo das redes sociais em amplificar eventos ao vivo.

Já a morte da Rainha Elizabeth II, em setembro, representou mais do que a passagem de uma figura monárquica; foi um marco de transição histórica e um evento midiático de proporções globais, que dominou as manchetes internacionais em meio à crise energética e inflacionária que afetava o Reino Unido.

No Brasil, a cultura digital e as redes sociais consolidaram-se como espaços centrais na vida cotidiana. A internet ganhou destaque com fenômenos de viralização como os memes e a ascensão de influenciadores. Figuras como "Bora Bill" (José Welber de Moraes), um técnico do futebol amador do Ceará cujo bordão de otimismo se espalhou pelas redes após um vídeo de narração ao lado de Marcos Gonzalez, e o "Luva de Pedreiro" (Orlando Silva), um pedreiro que ficou famoso por seus vídeos no TikTok fazendo dribles e finalizações com seu jeito autêntico de carisma e simplicidade, tornaram-se símbolos nacionais de humor, juntamente com o seu bordão "receba", com espontaneidade e uma certa resiliência do espírito brasileiro. Esses fenômenos não apenas entreteram milhões, mas também revelaram o poder das plataformas digitais em criar novas formas de celebridade e comunidade, influenciando a cultura e o marketing.

Bill, por exemplo, acumulou centenas de milhares de seguidores, participou de eventos como o Rock in Rio e virou até tema de músicas, enquanto Luva de Pedreiro se tornou uma sensação esportiva, chegando a treinar com jogadores profissionais e fechando contatos publicitários. Ambos representam a transformação de pessoas comuns em ícones digitais, unindo humor, identidade regional e engajamento massivo.

Tecnologia e o Legado de 2022

O ano de 2022 também foi marcado por importantes avanços tecnológicos e científicos. Na astronomia, o Telescópio Espacial James Webb (JWST) chegou à sua órbita final e liberou suas primeiras imagens coloridas, que são até 100 vezes mais nítidas que as do Telescópio Hubble. O JWST abriu uma nova janela para o universo, permitindo a observação de galáxias mais antigas já vistas pelos olhos humanos e evidências de água em exoplanetas.

No Brasil, outro ponto de destaque foi a implementação gradual da tecnologia 5G. Brasília foi a primeira capital a receber o sinal, seguida por São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e João Pessoa. O 5G não se limitou a ampliar a velocidade da internet, mas trouxe promessas de transformação em

áreas como saúde, transporte e educação, ao viabilizar inovações como telemedicina de alta precisão, veículos autônomos e cidades inteligentes. Ainda que seus impactos práticos no cotidiano da população estejam em fase inicial, o avanço posicionou o país em um patamar estratégico para a economia digital.

Contudo, o grande marco de 2022 no campo tecnológico foi a popularização da inteligência artificial conversacional, representada pelo lançamento do ChatGPT, desenvolvido pela OpenAI. Disponibilizado ao público em novembro, o modelo rapidamente se tornou um fenômeno mundial, com milhões de usuários em poucas semanas. A ferramenta demonstrou capacidade de responder perguntas, redigir textos acadêmicos, criar conteúdos criativos e auxiliar na resolução de problemas complexos, revelando um potencial disruptivo no campo da educação e do trabalho intelectual.

No meio acadêmico, o ChatGPT foi recebido tanto com entusiasmo quanto com cautela. Professores e estudantes viram na ferramenta um recurso inovador para pesquisas, produção de ensaios e sínteses de textos. Ao mesmo tempo, surgiram preocupações éticas sobre plágio, superficialidade de análises e substituição de processos de aprendizagem crítica. No mercado de trabalho, a inteligência artificial trouxe reflexões sobre a automação de funções cognitivas, sinalizando mudanças profundas em profissões ligadas à redação, tradução, programação e atendimento.

O impacto do ChatGPT também foi cultural: tornou-se pauta em jornais, redes sociais e debates públicos, exemplificando como a tecnologia não é apenas um recurso técnico, mas também um fenômeno social que altera a forma como nos relacionamos com o conhecimento e com o mundo digital. Assim, 2022 entrou para a história como o ano em que a inteligência artificial deixou de ser um conceito restrito à pesquisa acadêmica e passou a ser vivenciada no cotidiano de milhões de pessoas.

Conclusão: Um Ano de Legados e Contrastes

O legado de 2022 é o de um período que evidenciou as grandes fraturas e a interdependência de crises em um cenário mundial cada vez mais instável. A guerra na Europa, as emergências climáticas e as crises energéticas e alimentares criaram um pano de fundo global contra o qual o Brasil viveu seu próprio ano de transformações.

A eleição presidencial no Brasil, a mais disputada de sua história, não solucionou as tensões, mas as deslocou para uma nova etapa, em que os

desafios ambientais e sociais se tornaram urgências inadiáveis. A vulnerabilidade democrática ficou perceptível, impulsionando a sociedade civil a se mobilizar em defesa das instituições.

A esfera midiática, por sua vez, refletiu essa realidade multifacetada, de um lado, eventos globais como o incidente de Will Smith no Oscar e a morte da Rainha Elizabeth II, dominaram os debates públicos; de outro, fenômenos digitais genuinamente brasileiros, como os memes do “Bora Bil” e a ascensão do “Luva de Pedreiro”, revelaram a força das redes sociais em criar novas formas de comunidade e expressão no cotidiano.

Em síntese, 2022 foi um ano que desfez a ideia de um retorno pleno à normalidade pós-pandemia e consolidou uma realidade mais incerta e interconectada, em que guerras, desastres climáticos, crises políticas, transformações tecnológicas e manifestações culturais se entrelaçaram. A capacidade de resposta de países e sociedades aos próximos desafios dependerá de uma visão mais ampla dessas conexões e da disposição em cooperar diante de problemas que ultrapassam fronteiras nacionais, sem ignorar o papel da cultura e do cotidiano na forma como enfrentamos tempos de incerteza. O ano deixou claro que os eventos globais não são distantes, mas moldam diretamente a realidade local, exigindo respostas igualmente interligadas.

2022

Um Ano de Resistência e Adaptação na UFAL

Andreina Suellen Santos Lima

Giovanna Carvalho Lira Matos

Ludmyla Vitória Brito de Souza Lima

Marcus Vinícius da Silva

O ano de 2022 representou um divisor de águas para os alunos do curso de Administração Pública da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Após iniciar a graduação no período da pandemia e cursar o primeiro período de forma remota, o retorno às aulas presenciais trouxe alívio, mas também novas adversidades que testaram não apenas a capacidade acadêmica dos estudantes, mas também sua resiliência emocional e social.

No cenário mundial e nacional, 2022 também era anunciado como o ano da retomada. Após o isolamento, o mundo voltava a se abrir e a promessa de um “novo normal” ganhava força. A ciência avançava o telescópio James Webb explorava o universo, enquanto a inteligência artificial, com o ChatGPT, revelava um novo horizonte de possibilidades. No entanto, essa promessa de estabilidade e progresso se mostrou parcial: o mesmo ano que simbolizava o recomeço também expôs novas formas de crise e exaustão.

Nesse contexto, a vivência universitária refletiu o que acontecia fora dos muros da universidade: o desejo de recomeçar, mas com o peso das limitações que ainda persistiam. Para muitos, foi a primeira vez pisando no campus, e engana-se pensar que a maioria dos alunos residia em Arapiraca. Eles vinham de diversos municípios: Batalha, Campo Alegre, Craíbas, Maribondo, Palmeira dos Índios, Penedo, Santana do Ipanema, Taquarana e Teotônio Vilela. Todos com grandes expectativas de se conhecerem pessoalmente, além de encontrarem seus professores que, curiosamente, deslocavam-se de Aracajú (SE), João Pessoa (PB), Maceió (AL) e até de Salvador (BA).

A interação humana, antes limitada a microfones desligados e câmeras fechadas, finalmente ganhou vida. O encontro com o espaço físico da universidade foi um momento aguardado e carregado de expectativas, no entanto, os primeiros sinais de dificuldades começaram a se apresentar. Porém, durante o andamento do período, um grande obstáculo se revelou: a dificuldade ou a falta de transporte. Sendo uma turma majoritariamente composta por alunos de diversas localidades, muitos enfrentavam inseguranças e verdadeiros périplos para conseguir chegar ao campus.

Enquanto o mundo celebrava avanços digitais e novas tecnologias, muitos estudantes ainda enfrentavam a dificuldade mais básica: chegar à sala de aula. Essa contradição refletia a distância entre o discurso global de progresso e a realidade local de precariedades estruturais. Para enfrentar esses desafios, a criatividade se revelou. Algumas alunas passaram a organizar caronas solidárias; grupos de WhatsApp surgiram como espaço para coordenar rotas e dividir custos; e outros colegas chegaram a contratar motoristas em conjunto para conseguir comparecer às aulas, ajustando os horários conforme

as necessidades de cada um.

O objetivo em busca da tão sonhada graduação tornou-se um desafio e exigiu planejamento da rotina, principalmente para os alunos que lidam com 8h de trabalho diariamente. Era preciso fazer tudo de forma cronometrada, para dar conta dos compromissos pessoais, profissionais e acadêmicos e, ao início da noite, ter disposição de encarar o campus.

Além desses desafios, novos surtos de gripe e COVID-19, somados às chuvas que assolaram Alagoas entre abril e agosto, forçaram a universidade a suspender as aulas presenciais e retomar o modelo remoto. Curiosamente, o Brasil também enfrentava as mesmas tempestades literais e simbólicas. As enchentes em diversos estados expuseram a fragilidade da infraestrutura nacional e a vulnerabilidade social diante das mudanças climáticas. As águas que isolavam cidades e impediam o acesso ao campus refletiam o próprio cenário do país: a promessa de normalidade sendo inundada pela realidade.

A situação das chuvas revelou a vulnerabilidade socioambiental do estado, com estradas transformadas em rios e cidades isoladas. Tais situações inviabilizaram a manutenção das atividades presenciais, pois colocavam em risco a vida de todos. Com a retomada do ensino remoto emergencial, problemas já identificados voltaram a aparecer: baixa capacidade de concentração nas aulas, problemas de conexão, quedas de energia etc. Reforçando a sensação traumática de um período recente marcado pelos impactos da pandemia.

No entanto, embora esse período tenha revelado diversos aspectos negativos, alguns estudantes destacam as facilidades proporcionadas pelas aulas remotas, especialmente em relação ao transporte e à conciliação com o trabalho. Nesse ponto, a vivência dos alunos se entrelaça novamente com o cenário global: enquanto o mundo se encantava com a ascensão das tecnologias digitais e da inteligência artificial, a realidade da universidade mostrava o outro lado da modernidade – as falhas de conexão e o esforço de manter o vínculo humano no ambiente virtual.

O atraso no calendário acadêmico, causado pela pandemia, gerou uma corrida para condensar os períodos letivos dentro do ano civil. Isso exigiu que conteúdos de seis meses fossem ministrados em quatro, sobrecarregando alunos e docentes. A situação gerava um desgaste crescente, especialmente em um curso noturno, com discentes que trabalhavam durante o dia. As quintas e sextas-feiras, dedicadas às disciplinas de exatas, eram as mais desafiadoras.

Ainda que os professores buscassem inovar e relacionar os conteúdos

à realidade pública, a desmotivação persistia, agravada pelo cansaço coletivo. Diversos fatores também marcaram o ano: o esgotamento psicológico de docentes e a exigência de trabalhos escritos. Embora as tecnologias digitais tenham sido amplamente adotadas, muitos estudantes viram nessas exigências um retorno simbólico à tradição acadêmica. Essa tensão entre o analógico e o digital atravessava não só a universidade, mas também o país, refletindo o contraste entre o avanço tecnológico e as desigualdades estruturais.

À medida que o curso avançava, houve uma redução significativa no número de alunos de 40 para menos de 30 revelando um processo de filtragem natural diante das dificuldades. Apesar das dificuldades, houve pontos de luz ao longo do caminho. O envolvimento presencial permitiu maior interação entre a comunidade acadêmica e impactou positivamente o desempenho dos alunos.

A participação em grupos como o NEABI, o LAPA e o projeto de Educação Financeira ampliou a vivência acadêmica e despertou novos interesses. A presença da professora Fabiana, única mulher do corpo docente, foi símbolo de representatividade e inspiração para as alunas que passaram a se ver na docência como possibilidade de futuro.

O contexto político de 2022, marcado pela polarização entre Lula e Bolsonaro, reverberou dentro da universidade. Curiosamente, os estudantes optaram por evitar debates acalorados, cultivando um espaço de respeito e análise crítica. Assim como o Brasil tentava se reencontrar após um período de divisão, também nós, dentro da universidade, aprendíamos a dialogar e a conviver com as diferenças.

Sobretudo, 2022 foi um ano de metáforas vividas. As chuvas que inundaram Alagoas espelharam o dilúvio de incertezas enfrentado pelos alunos. A polarização política refletiu crises internas de identidade e propósito. Entretanto, o ano também foi marcado por descobertas, vínculos e superações. O retorno ao presencial deu forma concreta à vida universitária: os nomes ganharam rostos, as vozes ganharam histórias e o campus passou a ser um espaço de pertencimento real.

Assim, no meio do caos, a universidade revelou-se não apenas um espaço de formação técnica, mas um campo de batalha onde persistência, criatividade e solidariedade determinaram quem seguiria em frente. Se o ano testou os limites dos estudantes, também os preparou para os desafios da gestão pública em um país que, como os relatos, precisava aprender a resistir e se reinventar.

2023

Um Ano de Reconstrução e Tensões Globais

Fabiana dos Santos Ferreira da Silva

Kaylane Ferreira de Barros

Maria Edvania da Silva Santos

Rayanny Gabriella Rodrigues dos Santos

O ano de 2023 foi um marco de contradições, definido pela tensão entre esforços de reconstrução e crises profundas, tanto no Brasil quanto no cenário internacional. No Brasil, o país buscou restabelecer sua democracia após anos de polarização, avançar na economia com reformas estruturais e enfrentar desafios crônicos na educação. Globalmente, conflitos geopolíticos, crises climáticas de proporções históricas e avanços tecnológicos transformadores moldaram um mundo em transição. Essa dualidade entre recuperação e instabilidade sintetiza um período de transformações intensas, cujos desdobramentos continuarão a reverberar.

Política: Democracia Sob Teste

O ano de 2023 marcou o início de uma nova fase política no Brasil com a posse de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em 1º de janeiro, após uma eleição marcada por divisões intensas. A cerimônia de posse, carregada de simbolismo, trouxe Lula subindo a rampa do Palácio do Planalto ao lado de representantes da diversidade brasileira — mulheres, indígenas, pessoas com deficiência, trabalhadores e crianças —, sinalizando um compromisso com a inclusão. A ausência de Jair Bolsonaro (PL), que optou por viajar aos Estados Unidos após a derrota eleitoral, destacou a polarização que definiria o ano. Menos de uma semana depois, em 8 de janeiro, o Brasil enfrentou uma das maiores ameaças à sua democracia recente: os atos golpistas em Brasília. Milhares de apoiadores de Bolsonaro invadiram e depredaram o Congresso Nacional, o Supremo Tribunal Federal e o Palácio do Planalto, exigindo uma intervenção militar para reverter o resultado eleitoral. A resposta institucional foi firme, com a prisão de centenas de envolvidos e a criação da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) do 8 de Janeiro, que, ao longo do ano, indiciou 61 pessoas, incluindo o ex-presidente e aliados próximos, como o tenente-coronel Mauro Cid, ex-ajudante de ordens. As investigações revelaram redes de financiamento e organização, expondo a profundidade das tensões políticas.

Além disso, 2023 foi marcado por decisões judiciais que reforçaram a accountability política. Em junho, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) declarou Bolsonaro inelegível até 2030, por abuso de poder político durante a campanha de 2022, especialmente em reuniões com embaixadores onde questionou a legitimidade do sistema eleitoral. Em outubro, uma nova condenação relacionada ao uso político do Bicentenário da Independência consolidou sua exclusão das urnas. O escândalo das joias, revelado no mesmo ano, trouxe à tona tentativas de Bolsonaro, sua esposa Michelle e assessores de reter presentes de luxo recebidos em viagens oficiais, que deveriam pertencer ao

acervo da União. Esse caso intensificou o escrutínio sobre a conduta do ex-governo, alimentando debates sobre ética pública.

No cenário internacional, Lula trabalhou para reposicionar o Brasil como um ator relevante no multilateralismo. Sua visita à China em abril fortaleceu parcerias comerciais, enquanto a participação na COP28, em Dubai, colocou o país de volta ao centro das discussões climáticas globais. Os esforços de mediação na guerra da Ucrânia, embora com resultados limitados, refletiram a intenção de recuperar a influência brasileira em fóruns globais, após anos de isolamento diplomático. Esses movimentos, porém, enfrentaram críticas internas, com setores conservadores questionando a agenda externa do governo.

Economia: Avanços com Limites

A economia brasileira em 2023 apresentou sinais de recuperação, com o Produto Interno Bruto (PIB) crescendo 3,2%, impulsionado principalmente pelo desempenho excepcional do agronegócio, que se beneficiou de safras recordes de soja e milho, e pelo setor de serviços, que se recuperou da pandemia. Medidas estruturais marcaram o ano, com destaque para a aprovação do Novo Arcabouço Fiscal, que substituiu o teto de gastos, e da Reforma Tributária, promulgada em dezembro como Emenda Constitucional 132/2023. A reforma, considerada histórica, simplificou impostos sobre o consumo, unificando ICMS e ISS em um modelo de IVA dual, com promessas de maior eficiência econômica. Contudo, sua implementação está prevista para ocorrer gradualmente até 2033, levantando debates sobre os impactos de curto prazo.

Outras medidas econômicas incluíram a taxação de super-ricos e fundos exclusivos, aprovada na Lei 14.754/2023, mas com efeitos fiscais esperados apenas a partir de 2024. A redução gradual da taxa Selic, que caiu de 13,75% para 11,75% ao longo do ano, aliviou os custos de crédito, estimulando investimentos. O Pix consolidou-se como o principal meio de pagamento do país, batendo recordes com mais de 3 bilhões de transações mensais, enquanto o Drex, a moeda digital do Banco Central, teve seu piloto iniciado em março, com operação plena planejada para 2024. O Drex, projetado para modernizar o sistema financeiro, trouxe inovações como contratos inteligentes, mas enfrentou desafios técnicos na fase inicial.

Apesar dos avanços, a economia enfrentou resistências. A taxação de super-ricos gerou críticas de setores financeiros, que apontaram riscos de fuga

de capitais, enquanto o aumento real do salário mínimo (de R\$ 1.302 para R\$ 1.320) e a renegociação de dívidas do FIES, beneficiando mais de 1 milhão de estudantes, foram implementados com atrasos burocráticos. Esses entraves reforçam a ideia de que os avanços econômicos de 2023, embora significativos, vieram acompanhados de limites estruturais e desafios de execução.

Educação: Reformas e Desafios Estruturais

A educação brasileira esteve no centro de debates acalorados em 2023, refletindo tanto esforços de modernização quanto crises estruturais. O Novo Ensino Médio, implementado desde 2022, enfrentou protestos de estudantes e professores em dezenas de cidades, que criticaram a redução de disciplinas tradicionais, como história e geografia, e a ampliação de desigualdades regionais na oferta de itinerários formativos. O governo reconheceu falhas e criou grupos de trabalho para revisar a política, mas manteve sua estrutura básica, frustrando parte dos movimentos educacionais.

Para enfrentar os desafios, o governo lançou programas ambiciosos. O Compromisso Nacional Criança Alfabetizada, anunciado em junho, destinou R\$ 1 bilhão em 2023 (parte de R\$ 3 bilhões até 2026), com R\$ 278 milhões efetivamente repassados a estados e municípios para garantir alfabetização até o 2º ano do ensino fundamental. O programa enfrentou atrasos iniciais devido à complexidade de pactuações federativas, mas alcançou mais de 90% dos municípios até dezembro. O Programa Escola em Tempo Integral, lançado em julho, previu R\$ 4 bilhões para o biênio 2023-2024, com R\$ 1,7 bilhão repassados em 2023, beneficiando cerca de 1 milhão de matrículas em 3.500 escolas. A iniciativa visa ampliar o tempo escolar, mas enfrentou desafios logísticos, como a falta de infraestrutura em regiões periféricas. Já a Estratégia Nacional de Escolas Conectadas, lançada em setembro, destinou R\$ 8,8 bilhões até 2026, com R\$ 279 milhões repassados em 2023, conectando 92 mil escolas públicas à internet de alta velocidade. Apesar dos investimentos iniciais, que somaram mais de R\$ 2 bilhões em 2023, a implementação enfrentou entraves, como atrasos na entrega de equipamentos e treinamento de professores.

Outros avanços incluíram a atualização da Lei de Cotas, que passou a beneficiar estudantes quilombolas, e a criação de 100 novos campi de Institutos Federais, ampliando o acesso à educação técnica em regiões menos atendidas. O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) registrou quase 4 milhões de inscritos, o maior número desde a pandemia, com forte participação feminina (60%) e do Nordeste (35%). No entanto, a educação enfrentou crises graves. O Brasil registrou 11 ataques a escolas em 2023, com 11 mortos, o maior

número da história, levando à criação de políticas de segurança e um departamento de educação midiática para combater a desinformação. Os resultados do PISA 2022, divulgados em dezembro de 2023, expuseram fragilidades: o Brasil ficou em 65º lugar em matemática entre 81 países (pior 20%), 62º em ciências e 52º em leitura (pior 35%), com notas de 379, 403 e 410, respectivamente. Esses números reforçam a necessidade de reformas profundas para melhorar a qualidade educacional.

Escalada de Tensões Geopolíticas

No cenário internacional, 2023 foi marcado por uma escalada de conflitos que intensificaram a instabilidade global. A guerra na Ucrânia, iniciada em 2022, continuou a impactar cadeias globais de suprimentos, especialmente de grãos e energia, com o Brasil tentando mediar por meio de propostas de cessar-fogo apresentadas em fóruns como o G20. Em 7 de outubro, um ataque do Hamas no sul de Israel, que matou cerca de 1.200 pessoas, desencadeou uma ofensiva israelense em Gaza, resultando em mais de 19.000 mortos em 74 dias, segundo o Ministério da Saúde do Hamas, e uma crise humanitária com milhares de deslocados. A escalada gerou protestos globais e debates sobre o direito internacional, com o Brasil defendendo uma solução de dois estados na ONU. A tensão entre Estados Unidos e China também cresceu, com o abate de um balão chinês em fevereiro, acusado de espionagem, adiando a visita do secretário de Estado Antony Blinken a Pequim. Esses eventos, somados a tensões regionais, como disputas no Mar do Sul da China, evidenciaram um mundo em crescente polarização geopolítica.

Crises Climáticas: Um Alerta Global

As mudanças climáticas foram uma das maiores preocupações de 2023, com o planeta registrando recordes de temperatura. Em 17 de novembro, a média global ultrapassou 2,07°C acima dos níveis pré-industriais, segundo o Copernicus, marcando o dia mais quente da história moderna. Eventos extremos incluíram ondas de calor na Europa, com temperaturas acima de 40°C na Espanha e Itália, e incêndios devastadores no Havaí, que destruíram a cidade de Lahaina e mataram mais de 100 pessoas. No Brasil, o colapso da mina da Braskem em Maceió, causado por décadas de exploração de sal-gema, forçou a evacuação de milhares de famílias e reacendeu debates sobre a responsabilidade socioambiental de grandes empresas. O terremoto de magnitude 7,8 na Turquia e Síria, em 6 de fevereiro, seguido por réplicas,

deixou cerca de 59.000 mortos, incluindo 6.000 na Síria, e milhões de desabrigados, sendo um dos desastres mais letais do século. Esses eventos reforçaram a urgência de ações climáticas e humanitárias, com a COP28 destacando compromissos para reduzir emissões, embora com críticas à lentidão dos acordos.

Avanços Tecnológicos: Transformação e Ética

A tecnologia desempenhou um papel central em 2023, com a inteligência artificial (IA) generativa, como o ChatGPT, revolucionando setores como comunicação, educação, cultura e economia. Empresas adotaram IA para criar conteúdos personalizados, de assistentes virtuais a campanhas publicitárias, enquanto universidades começaram a debater os impactos éticos no ensino e na pesquisa. A expansão do 5G, que atingiu 80% das capitais brasileiras e avançou globalmente, permitiu inovações como cidades inteligentes e telemedicina, mas também expôs desigualdades de acesso em áreas rurais. Na medicina, a tecnologia CRISPR-Cas9 avançou no tratamento de doenças genéticas, como a cegueira congênita, enquanto o medicamento lecanemab, aprovado em 2023, trouxe esperança ao retardar a progressão do Alzheimer, atacando placas beta-amiloides no cérebro. Esses avanços, no entanto, levantaram questões éticas cruciais: quem terá acesso a essas tecnologias? Como regular a IA para evitar desinformação e desigualdades? Em um mundo marcado por polarização e crises, essas perguntas permaneceram sem respostas definitivas.

Episódios Marcantes

Além dos conflitos e desastres, eventos específicos capturaram a atenção global em 2023. Em 18 de junho, o submersível Titan implodiu durante uma expedição turística aos destroços do Titanic, matando seus cinco passageiros e expondo os riscos do turismo de alto risco e a falta de regulamentação em empreendimentos privados de exploração oceânica. No Reino Unido, a coroação de Charles III, em 6 de maio, marcou a primeira cerimônia do tipo em 70 anos, após a morte de Elizabeth II. Realizada na Abadia de Westminster, com 2.200 convidados, a coroação incluiu a consagração de Camilla como rainha consorte e destacou a modernização da monarquia, embora tenha gerado debates sobre seu custo em meio à crise econômica global. Em 5 de maio, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o fim da emergência sanitária da covid-19, após três anos e meio, refletindo a queda nas

taxas de mortalidade e a ampla vacinação. No entanto, o diretor-geral Tedros Ghebreyesus alertou que o vírus ainda circulava, recomendando a continuidade de medidas preventivas, como vacinação e monitoramento. Esses eventos, embora distintos, refletiram as tensões entre progresso, risco e recuperação que marcaram 2023.

Considerações Finais

O ano de 2023 foi um espelho das tensões e esperanças de um mundo em transição. No Brasil, a reconstrução política, econômica e educacional enfrentou obstáculos impostos pela polarização, pela complexidade de reformas estruturais e por crises como os ataques a escolas e os resultados preocupantes do PISA. No cenário global, a escalada de conflitos – da Ucrânia a Gaza, passando pelas tensões EUA-China – somada a desastres climáticos e avanços tecnológicos, revelou um planeta em busca de equilíbrio em meio a instabilidades. A inteligência artificial e inovações médicas abriram novas possibilidades, mas também expuseram desafios éticos e desigualdades. A reconstrução, tanto no Brasil quanto no mundo, exigiu enfrentar crises herdadas e emergentes, desde a fragilidade democrática até as mudanças climáticas. Assim, 2023 se consolida como um ano de aprendizados, marcado por avanços significativos, mas também por desafios que demandarão esforços contínuos nos anos seguintes.

2023

Desafios, aprendizado e crescimento pessoal e profissional

Deysa Maria de Araujo Silva

Giovanni Davi Rodrigues Barbosa

Karla Evellyn dos Santos Silva Coimbra

Maysa Mayara da Silva

O ano de 2023 no Campus Arapiraca da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) foi marcado por uma intensa adaptação ao calendário acadêmico atípico, desenhado para compensar os atrasos decorrentes da pandemia de COVID-19. A decisão de condensar três períodos letivos – a conclusão do semestre 2022.2, o avanço completo de 2023.1 e o início de 2023.2, que se estendeu até abril de 2024 – impôs aos estudantes um ritmo acelerado, exigindo organização, disciplina e uma capacidade de adaptação que testou seus limites. Esse esforço coletivo refletiu a resiliência da comunidade acadêmica, que buscava retomar o curso normal das atividades após anos de interrupções. A retomada das aulas presenciais, combinada com experiências práticas como estágios, visitas técnicas e projetos de extensão, desempenhou um papel central no desenvolvimento integral dos alunos, fortalecendo suas competências técnicas, sociais e emocionais. Esse período foi decisivo na construção de profissionais mais preparados e cidadãos conscientes de seu papel na sociedade, consolidando uma base sólida para suas futuras trajetórias.

Os Desafios da Transição do Ensino Remoto ao Presencial

Desde o início do curso em 2021, os estudantes enfrentaram um cenário de incertezas e dificuldades, amplificado pelo ensino remoto imposto pela pandemia. A transição para uma modalidade híbrida ou totalmente online demandou ajustes profundos nas rotinas acadêmicas e pessoais, afetando a interação direta com colegas e professores. A ausência de debates presenciais e da convivência cotidiana, elementos fundamentais para a formação em Administração Pública, gerou um vazio que muitos relataram como desafiador. Limitações tecnológicas, como acesso instável à internet ou falta de equipamentos adequados, somaram-se à sobrecarga emocional decorrente do isolamento, criando barreiras significativas ao aprendizado. Estudantes de cidades distantes, como Penedo e Palmeira dos Índios, enfrentaram ainda mais obstáculos, dependendo de conexões precárias e enfrentando dificuldades logísticas.

As Experiências de Prática e Inserção no Mercado de Trabalho

O ano de 2023 destacou-se pelas oportunidades práticas que conectaram os alunos à realidade da gestão pública. A visita ao Tribunal de Contas do Estado de Alagoas (TCE/AL) em Maceió foi um momento pivotal. Durante a sessão plenária, estudantes como Pedro Lucas testemunharam os conselheiros debatendo projetos e decisões, oferecendo uma visão prática do

controle externo. Essa experiência, viabilizada pelo retorno presencial, tinha como objetivo principal aproximar os alunos da rotina de um órgão de fiscalização, permitindo que conectassem teoria a ações concretas. A imersão revelou a complexidade das auditorias e a importância de uma gestão responsável, inspirando reflexões sobre o papel do gestor público e motivando uma postura crítica diante das responsabilidades futuras.

Outra experiência transformadora foi a visita à Serra da Barriga, em União dos Palmares, organizada pela professora Fabiana com a turma do 9º período. Como símbolo de resistência quilombola, o local ofereceu uma imersão histórica e cultural que transcendeu o âmbito acadêmico. Alunos com raízes quilombolas relataram uma conexão profunda com o ambiente, sentindo-se tocados pela atmosfera de luta e preservação. O objetivo da visita ia além da observação: era incentivar reflexões sobre identidade, sustentabilidade e o papel social dos administradores públicos. Essa atividade, possível graças à normalidade retomada, enriqueceu a formação emocional e contextualizou a gestão pública em um cenário histórico, destacando a relevância de saídas de campo para uma educação integral.

As Atividades Curriculares de Extensão (ACEs) também se destacaram. A ACE I, no 2º semestre, conduzida pelo professor Leonardo, envolveu a análise de conselhos municipais, como Cultura, Criança e Adolescente, Idoso e Pessoa com Deficiência. Divididos em grupos, os alunos acompanharam sessões, coletaram dados e elaboraram relatórios, aplicando ferramentas como a matriz SWOT para propor planos de ação. Essa atividade, visava desenvolver habilidades analíticas e estratégicas, fortalecendo o compromisso com políticas públicas e oferecendo uma base prática para futuros projetos.

Já a ACE do professor Marconi, vinculada ao programa Viver Melhor da Prefeitura de Arapiraca, focou na aplicação prática de políticas sociais. Os alunos, participaram da coleta de dados primários junto à comunidade e da elaboração de um relatório de diagnóstico para identificar necessidades específicas, como melhorias em serviços básicos (saúde, saneamento e educação). Essa metodologia estruturada permitiu observar impactos diretos na população, avaliar a eficácia das intervenções e propor recomendações, reforçando a conexão entre teoria e ação social. A experiência destacou a importância da extensão na formação prática, um ganho direto que ampliou o escopo das atividades extracurriculares.

Essas iniciativas, foram cruciais para a formação acadêmica. Elas contextualizaram os conteúdos teóricos, desenvolveram competências como

trabalho em equipe e resiliência, e prepararam os alunos para o mercado de trabalho. A normalidade restabelecida permitiu que essas atividades transcendessem o ambiente virtual, oferecendo uma vivência mais rica e alinhada às demandas da administração pública moderna.

Os Desafios e Conquistas na Vida Acadêmica e Pessoal

A rotina de 2023 foi marcada por altos e baixos, com desafios como deslocamentos longos – especialmente para alunos de Penedo, Palmeira dos Índios e outras regiões distantes – e a necessidade de conciliar estudos, estágios e vida pessoal. Muitos relataram o peso de uma carga horária intensa, agravada pela aceleração do calendário. Apesar disso, a disciplina e a organização cultivadas ao longo do ano fortaleceram a autonomia dos estudantes. O fortalecimento de vínculos sociais, por meio de amizades e apoio mútuo, tornou-se um pilar de suporte, enquanto a participação em conferências municipais sobre meio ambiente e políticas públicas aumentou a confiança no curso.

Relatos de superação, como o enfrentamento de medos e inseguranças durante os deslocamentos noturnos ou a adaptação a uma rotina exaustiva, evidenciaram um crescimento pessoal significativo. Esses desafios transformaram-se em oportunidades, elevando a autoestima e a resiliência. Alunos como Kaylane Ferreira destacaram a superação de ir à faculdade de moto, enfrentando pistas escuras e inseguras, como um marco de independência. Essa experiência, comum a muitos, reflete a determinação que moldou o ano, preparando-os para enfrentar adversidades futuras com maior confiança.

A Construção de uma Visão Crítica e Planejamento para o Futuro

Os relatos apresentados nos textos individuais dos estudantes do curso de Administração Pública da UFAL Campus Arapiraca demonstram que, mesmo diante de um ano marcado por dificuldades como o calendário acadêmico acelerado com três períodos letivos condensados em um só (abrangendo a conclusão de 2022.2, o avanço completo de 2023.1 e o início de 2023.2, que se estendeu até abril de 2024), o excesso de trabalhos, provas, seminários, projetos e atividades extracurriculares impostas pelos professores – que pareciam intensificar-se a cada período, gerando cansaço acumulado e sensação de "saco cheio" (como relatado por Giovanni Davi) –, e a transição

para o ensino totalmente presencial após anos de modalidade remota ou híbrida durante a pandemia, a experiência na UFAL foi fundamental para o crescimento pessoal, acadêmico e profissional dos estudantes. Esses desafios, destacados nos relatos mais relevantes, como os de Rayanny Gabriella (que descreveu o ano como uma "saga sem fim" com cinco dias de aulas semanais, entregas constantes e a luta para conciliar rotina exaustiva com trabalho diurno, culminando em um grito de "socorro Deus" pela falta de convivência social), Kaylane Ferreira (que superou o medo de deslocamentos noturnos de moto em pistas mal iluminadas e com baixa movimentação, especialmente às 22h), Andreina Suellen (que batalhou com problemas de transporte, aumento de roubos na região, frustração por negociações infrutíferas com responsáveis pelo transporte universitário e um problema familiar que quase a levou a trancar o curso, agravados por dificuldades logísticas em Penedo), e Felipe Alexandrino (que enfrentou deslocamentos exaustivos de sete horas diárias entre Penedo e Arapiraca, somados à negociação de horários no trabalho para não perder aulas, renunciando a pausas de almoço), atuaram como catalisadores para o desenvolvimento de competências essenciais ao longo de suas carreiras no setor público e na sociedade de modo geral.

O retorno às atividades presenciais, aliado às práticas acadêmicas, visitas institucionais e estágios, possibilitou aos estudantes vivenciar o cotidiano da administração pública, fortalecer vínculos e aprofundar a compreensão sobre os papéis e responsabilidades dos gestores públicos. Além disso, a capacidade de adaptação, resiliência e superação demonstrada pelos alunos evidencia a maturidade adquirida nesse percurso, decisiva para a consolidação de suas trajetórias acadêmicas e profissionais.

Complementando o amadurecimento individual, outro aspecto relevante foi a ampliação da participação discente em eventos, projetos de extensão e espaços de debate, o que contribuiu para a troca de experiências, o exercício da cidadania e o fortalecimento do engajamento crítico diante das demandas sociais. Esses elementos reforçam a importância de uma formação que ultrapassa os limites da sala de aula e se conecta diretamente com a realidade da comunidade.

A integração entre teoria e prática por meio de estágios, visitas técnicas, atividades de extensão e monitoria enriqueceu a formação acadêmica e fortaleceu o vínculo dos discentes com a realidade social e institucional. Esse processo favoreceu o desenvolvimento de uma visão mais crítica e contextualizada sobre os desafios da administração pública, estimulando o compromisso com o desenvolvimento social e, conseqüentemente, a busca pela melhoria contínua dos serviços prestados à população. Apesar das demandas

intensas e das dificuldades enfrentadas, esse percurso deixa como legado amadurecimento, autonomia e responsabilidade social. Os estudantes saem fortalecidos e mais conscientes de seu papel como agentes de mudança, preparados para contribuir com uma gestão pública mais transparente, inclusiva e eficiente. O ano representou, assim, não apenas a conclusão de ciclos, mas também o início de uma atuação profissional pautada pelo propósito de servir com excelência e integridade.

Considerações Finais: Um Ano de Transformação

O ano de 2023, marcado por desafios como o calendário acelerado, a transição pós-pandemia, deslocamentos e a intensidade das demandas acadêmicas, foi também um período de conquistas e aprendizados na UFAL. A retomada presencial, aliada a estágios, visitas e ACEs, enriqueceu a formação, promovendo integração e reflexão crítica. Apesar das dificuldades, os alunos desenvolveram resiliência, autonomia e compromisso social, saindo preparados para atuar como agentes de mudança. Mais do que a conclusão de ciclos, 2023 representou o início de uma trajetória profissional pautada por excelência, ética e transformação social, deixando um legado de amadurecimento e propósito.

2024

Entre as crises estruturais e as promessas de transformação

Deysa Maria de Araujo Silva

Giovanni Davi Rodrigues Barbosa

Karla Evellyn dos Santos Silva Coimbra

Maysa Mayara da Silva

Introdução

O ano de 2024 apresentou-se como um período de intensas contradições, no qual avanços científicos, culturais e institucionais coexistiram com graves crises ambientais, instabilidades políticas e tensões sociais. No Brasil, acontecimentos como as enchentes no Rio Grande do Sul, a prisão dos mandantes do assassinato de Marielle Franco e a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) sobre a descriminalização do porte de maconha revelaram tanto desafios estruturais quanto movimentos de renovação institucional. No cenário internacional, episódios como a eleição de Donald Trump, os Jogos Olímpicos de Paris, o pouso japonês na Lua e o primeiro implante de chip cerebral em humanos evidenciaram um mundo em transição, marcado pela simultaneidade de inovações e crises.

O objetivo deste documento é analisar os principais acontecimentos de 2024 a partir de uma perspectiva narrativa-analítica, destacando suas causas, consequências e possíveis projeções para o futuro.

Brasil: vulnerabilidades e reinvenções institucionais

No caso brasileiro, a dimensão ambiental foi o ponto de partida para compreender a complexidade do ano de 2024. As enchentes no Rio Grande do Sul representaram um dos episódios mais dramáticos da história recente do país, revelando de forma contundente a vulnerabilidade das cidades brasileiras diante das mudanças climáticas. A tragédia, agravada por queimadas na Amazônia e no Cerrado e por recordes de temperatura, trouxe à tona não apenas falhas estruturais, mas também a urgência de políticas públicas efetivas voltadas à prevenção e adaptação climática. Apesar do cenário de destruição, o episódio também revelou a força da solidariedade nacional. A mobilização social e institucional, com o portal SOS Enchentes, o Auxílio Reconstrução e o engajamento do setor privado, mostrou que a sociedade brasileira é capaz de reagir com empatia e eficiência diante de crises de grande escala. Assim, o debate ambiental consolidou-se como um eixo central da agenda pública, demonstrando que o desafio climático é, acima de tudo, um desafio ético e civilizacional.

No campo político e institucional, o Brasil continuou imerso em um contexto de polarização e disputas ideológicas. O ano foi marcado por debates intensos sobre o papel das instituições democráticas e sobre a relação entre direitos civis e valores tradicionais. A prisão dos mandantes do assassinato de Marielle Franco simbolizou uma vitória da justiça e da mobilização social,

reafirmando o compromisso do Estado com o combate à impunidade e à violência política. Por outro lado, a decisão do Supremo Tribunal Federal sobre a descriminalização do porte de maconha reacendeu tensões morais e ideológicas, evidenciando um país dividido entre o avanço das pautas progressistas e a resistência conservadora. Esse cenário refletiu não apenas a polarização política, mas uma disputa mais profunda: o embate entre o velho e o novo modelo de sociedade, entre estruturas tradicionais de poder e uma crescente demanda por uma democracia mais inclusiva e ética. Ainda assim, políticas como o Concurso Nacional Unificado e a aprovação da Lei Joca, voltada ao bem-estar animal, sinalizaram uma tentativa de renovação institucional e modernização administrativa.

Do ponto de vista econômico, 2024 consolidou-se como o ano do empreendedorismo e da recuperação produtiva. O Brasil registrou a menor taxa de desemprego desde 2014 e um número recorde de mais de quatro milhões de novas empresas abertas, resultado de políticas de desburocratização, ampliação do crédito e incentivo à formalização. O protagonismo do microempreendedor individual (MEI) destacou-se como símbolo da vitalidade da economia popular e da capacidade de adaptação dos brasileiros diante das transformações do mercado de trabalho. No entanto, o expressivo número de empresas encerradas e a persistência da informalidade evidenciaram que a expansão econômica ainda é desigual e frágil, concentrada em setores de baixa produtividade e marcada por condições precárias de trabalho. Assim, o empreendedorismo de 2024 representou tanto uma forma de autonomia e criatividade quanto um reflexo das carências estruturais de um Estado que ainda não assegura pleno acesso a oportunidades econômicas e sociais.

A questão da violência também se manteve como um dos aspectos mais emblemáticos da realidade brasileira. Em 2024, o país registrou redução nas mortes violentas intencionais, mas aumentos preocupantes em feminicídios, crimes sexuais e letalidade policial. Esses dados evidenciam que, embora haja avanços pontuais, a violência permanece como um espelho das desigualdades e vulnerabilidades sociais. As vítimas continuam sendo, majoritariamente, pessoas negras, jovens e de baixa renda, o que reforça a persistência de um padrão histórico de exclusão e desproteção. Além disso, a violência de gênero e o aumento dos crimes sexuais revelam a urgência de políticas públicas que enfrentem as raízes culturais da misoginia e da desigualdade. Desse modo, a violência em 2024 não foi apenas um problema de segurança pública, mas um sintoma das contradições sociais que ainda limitam o pleno exercício da cidadania no país.

No contexto internacional, o ano de 2024 foi igualmente marcado por

tensões e transformações. A reeleição de Donald Trump nos Estados Unidos simbolizou o retorno de uma agenda nacionalista e protecionista, com impactos sobre a economia global, as alianças internacionais e os compromissos ambientais. O prolongamento do conflito entre Israel e Hamas evidenciou a fragilidade das instituições multilaterais e a incapacidade de mediar crises históricas, reforçando um cenário de instabilidade geopolítica. Em contrapartida, avanços científicos e tecnológicos trouxeram novos horizontes e dilemas éticos: o pouso japonês na Lua reafirmou a multipolaridade na exploração espacial, enquanto o primeiro implante de chip cerebral em humanos inaugurou discussões profundas sobre privacidade, autonomia e desigualdade de acesso às tecnologias. No campo cultural e religioso, a canonização de Carlo Acutis, o “santo millennial”, e a realização dos Jogos Olímpicos de Paris destacaram a busca da humanidade por símbolos de unidade, espiritualidade e superação em meio a tempos de fragmentação e crise.

Esses diferentes acontecimentos, tanto no Brasil quanto no mundo, revelam um denominador comum: 2024 foi um ano de transição. O planeta experimentou simultaneamente avanços tecnológicos impressionantes e retrocessos democráticos preocupantes, enquanto o Brasil oscilou entre conquistas institucionais e velhas desigualdades. O desafio coletivo esteve em transformar progresso material em inclusão social, inovação em ética e crescimento em sustentabilidade.

Conclusão

O ano de 2024 pode ser interpretado como um marco de redefinições históricas, no qual a humanidade foi desafiada a repensar seus modelos de desenvolvimento, governança e convivência. No Brasil, as tragédias ambientais e as reações solidárias revelaram tanto a fragilidade estrutural quanto a capacidade de união e resiliência da sociedade. A política manteve-se polarizada, mas também indicou sinais de renovação institucional, enquanto a economia mostrou vitalidade empreendedora, ainda que limitada por desigualdades persistentes. A violência, por sua vez, reafirmou os limites da democracia brasileira e a urgência de políticas sociais integradas. No cenário global, as inovações científicas e tecnológicas conviveram com tensões políticas e éticas, evidenciando que o progresso técnico não garante, por si só, o avanço moral e humano.

Dessa forma, a principal mensagem deixada por 2024 é a de que o futuro dependerá da capacidade coletiva de transformar crises em oportunidades e contradições em aprendizado. O ano foi um espelho da era

contemporânea: um tempo de contrastes, no qual o avanço e o retrocesso caminharam lado a lado. Entre tragédias e conquistas, o mundo de 2024 deixou claro que os rumos da humanidade dependem menos das tecnologias que cria e mais dos valores que escolhe preservar.

2024

Conquistas e Desafios no Curso de Administração Pública da UFAL

Fabiana dos Santos Ferreira da Silva

Kaylane Ferreira de Barros

Maria Edvania da Silva Santos

Rayanny Gabriella Rodrigues dos Santos

Introdução

O ano de 2024 representou um período de intensas experiências acadêmicas e pessoais para os estudantes do curso de Administração Pública da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), caracterizado por desafios institucionais, acontecimentos sociais e vivências práticas que marcaram significativamente a formação de cada discente.

Foi um período de contrastes para os alunos do curso. Se, por um lado, os discentes avançaram em disciplinas importantes, estreitaram vínculos coletivos e vivenciaram experiências significativas de extensão, por outro, enfrentaram longos meses de paralisação, alterações no calendário acadêmico, reformas no campus, incertezas acadêmicas, preparação para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e a sobrecarga de atividades. O ano foi, ao mesmo tempo, de conquistas e de resistência, funcionando como mais um teste da resiliência que a universidade pública exige daqueles que nela permanecem. Este relatório reúne e analisa de forma integrada as experiências individuais, oferecendo uma visão ampla das conquistas, dificuldades e aprendizados do ano de 2024.

Desafios e oportunidades Institucionais e Acadêmicos

O início de 2024 foi recebido com entusiasmo. Após anos marcados pela pandemia, pelas aulas híbridas e pelas constantes adaptações nos diversos cenários acadêmicos, havia, enfim, a expectativa de estabilidade e continuidade no calendário. Esse entusiasmo também vinha do sentimento de estar cada vez mais perto de concluir o curso – uma etapa aguardada com ansiedade e orgulho por todos que haviam enfrentado tantos desafios ao longo da trajetória universitária.

O entusiasmo que marcou o início de 2024 foi interrompido pela deflagração da greve nacional das universidades federais, iniciada ainda no final do semestre letivo de 2023.2 e prolongada pelos primeiros meses de 2024.1. O movimento, de alcance nacional, mobilizou docentes, técnicos-administrativos e estudantes em torno de pautas que reivindicavam melhores condições de trabalho, reajuste salarial, recomposição orçamentária e investimentos estruturais nas instituições públicas de ensino superior, duramente afetadas nos

últimos anos. Embora fundamentada em demandas legítimas e essenciais para a valorização da educação pública, a paralisação provocou efeitos significativos no cotidiano acadêmico, com a suspensão prolongada das atividades e o consequente atraso no calendário letivo. Muitos discentes relataram dificuldades em manter a rotina de estudos e em lidar com a incerteza sobre o retorno das aulas, além da preocupação com a conclusão do curso. Ainda assim, esse período foi vivido de formas diversas: para alguns, representou um tempo de pausa e reorganização pessoal, um respiro necessário após anos de intensas adaptações e desafios; para outros, simbolizou a importância da mobilização coletiva e da reflexão sobre o papel da universidade na sociedade. A greve, portanto, não apenas marcou o ritmo do ano letivo, mas também deixou um registro significativo de resistência, consciência crítica e amadurecimento acadêmico e humano.

Um dos alunos descreveu o período como “um relógio quebrado, que insiste em marcar a mesma hora, sem dar sinal de avanço”. Essa sensação coletiva de estagnação remeteu a lembranças do tempo de pandemia, quando a rotina acadêmica também foi interrompida de forma abrupta e o futuro parecia indefinido. Assim como naquele período, muitos estudantes relataram o impacto psicológico de viver em constante espera, divididos entre a esperança e a incerteza. A cada nova assembleia docente ou nota oficial, renascia a expectativa pelo retorno das aulas presenciais – expectativa que, repetidas vezes, dava lugar à frustração. A greve, nesse sentido, reavivou memórias de isolamento e suspensão do tempo, mostrando como momentos de pausa forçada podem afetar não apenas o andamento do curso, mas também o emocional e a motivação dos discentes.

Outro fator que impactou diretamente o ano acadêmico foi a reforma estrutural no campus da UFAL, que exigiu uma ampla reorganização das atividades presenciais. As intervenções físicas nos prédios, laboratórios e salas de aula demandaram a realocação temporária de turmas e a antecipação de avaliações, o que levou ao encerramento de disciplinas em prazos mais curtos que o habitual. Essa readequação, necessária para garantir o andamento das obras e a segurança da comunidade acadêmica, acabou gerando sobrecarga e ansiedade entre os estudantes, que precisaram se adaptar rapidamente às novas demandas. Conforme relataram Giovanni Davi Rodrigues Barbosa, Fabiana dos Santos Ferreira da Silva e Cláudia Cristina Alves da Fonseca, o período foi marcado por intensa pressão e por uma rotina acelerada, em que a capacidade de adaptação tornou-se uma competência essencial para lidar com as incertezas e manter o equilíbrio emocional diante das mudanças constantes.

Experiências de Extensão e Projetos Práticos

As Atividades Curriculares de Extensão (ACE), já mencionadas anteriormente como parte essencial da formação prática, ganharam neste período um novo significado e amplitude. Diferentemente de momentos anteriores, em que o foco estava na introdução às práticas extensionistas, em 2024 as ações se consolidaram como experiências de aplicação direta dos conhecimentos teóricos em contextos sociais reais. Os estudantes ampliaram sua atuação junto a conselhos municipais – como o Conselho Municipal da Criança e do Adolescente (CMDCA), o Conselho da Secretaria de Cultura e o Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência –, aprofundando o diálogo com políticas públicas e fortalecendo o compromisso social da universidade. Além disso, o estudo das políticas educacionais na Região Metropolitana do Agreste, com ênfase em instrumentos como o FUNDEB e o IDEB, proporcionou uma compreensão mais crítica e contextualizada sobre os desafios da gestão educacional. Assim, as ACE deste período se destacaram não apenas pela continuidade, mas pela maturidade das ações e pela capacidade dos discentes de conectar teoria, prática e responsabilidade social de forma mais integrada. Andreina Suellen Santos Lima, Deysa Maria de Araujo Silva e Felipe Alexandrino destacaram que essas experiências proporcionaram contato direto com a realidade da administração pública e com a participação social, permitindo desenvolver competências de diagnóstico, planejamento, análise de dados e proposição de soluções.

A participação no evento SINPETE 2024 – Simpósio Integrado de Pesquisa, Extensão, Trabalho e Estágio – também foi destacada como um marco importante no percurso acadêmico. O evento, promovido pela universidade, tem como objetivo socializar experiências, projetos e resultados das atividades desenvolvidas pelos estudantes ao longo da formação, promovendo o diálogo entre ensino, pesquisa e extensão. Em 2024, o SINPETE se consolidou como um espaço de troca de saberes e fortalecimento da identidade acadêmica, reunindo apresentações de trabalhos, oficinas e mesas-redondas que abordaram temáticas contemporâneas da educação e das políticas públicas. A participação dos discentes exigiu interpretação de informações complexas, capacidade de síntese e domínio da oralidade para apresentações em auditório – habilidades fundamentais para o exercício profissional e para a gestão de projetos. Mais do que um requisito curricular, o SINPETE 2024 representou uma oportunidade de crescimento intelectual e de fortalecimento da autoconfiança dos estudantes diante de um público acadêmico mais amplo.

Além disso, a extensão acadêmica permitiu vivências no campo da economia solidária, na Incubadora Tecnológica de Economia Solidária (ITES), e

em atividades relacionadas ao Pagamento por Serviços Ambientais no Brasil, conforme relatado por Andreina Suellen Santos Lima e Deysa Maria de Araujo Silva. Tais experiências possibilitaram a aplicação prática de conceitos teóricos adquiridos nas disciplinas de gestão pública, planejamento e governança, evidenciando a importância da articulação entre teoria e prática.

“Foi quando percebemos que a universidade não cabe dentro das paredes da sala de aula”, comentou uma estudante ao relatar sua participação em um projeto de extensão. Para muitos, essa foi a confirmação de que a carreira em gestão pública exige, sobretudo, proximidade com a realidade social e compromisso com a transformação coletiva.

Desenvolvimento Profissional e Pessoal

A sobrecarga, somada às interrupções constantes, levou alguns alunos a repensarem sua permanência. Embora a evasão não tenha sido tão intensa quanto nos primeiros períodos do curso, houve relatos de colegas que optaram por trilhar novos caminhos. Ainda assim, houve a permanência, fortalecida pela rede de apoio entre os estudantes. O companheirismo, as caronas compartilhadas, os grupos de estudo improvisados e até pequenos gestos de solidariedade tornaram-se símbolos de perseverança em meio às dificuldades.

Além do contexto profissional, desafios pessoais também impactaram o rendimento acadêmico. Carlos Eduardo da Costa Carmo relatou a situação delicada de seu pai, que enfrentou problemas graves de saúde, gerando repercussões emocionais e acadêmicas. Apesar dessas adversidades, o estudante manteve o comprometimento com a formação, demonstrando resiliência e persistência, características ressaltadas também por outros discentes como Fabiana dos Santos Ferreira da Silva e Felipe Alexandrino.

Disciplinas e Formação Acadêmica

As disciplinas cursadas entre o sexto e o sétimo período foram fundamentais para a consolidação dos conhecimentos teóricos e práticos adquiridos ao longo da graduação, representando uma etapa de amadurecimento intelectual e profissional. As Atividades Curriculares de Extensão I e II, juntamente com os Projetos de Pesquisa, proporcionaram experiências de aplicação direta dos conteúdos, fortalecendo as competências em análise crítica, gestão de projetos e tomada de decisão. Já as disciplinas de

Planejamento e Programação na Gestão Pública e Processo Decisório em Organizações Públicas ampliaram a compreensão sobre o funcionamento das instituições e os desafios inerentes à administração pública contemporânea. Por sua vez, os componentes Debates Contemporâneos em Política e Democracia, Direito Municipal e Governança na Administração Pública estimularam a reflexão sobre o papel do Estado, os direitos coletivos e a responsabilidade ética dos gestores públicos. Por fim, disciplinas de natureza quantitativa, como Matemática Financeira, Finanças Públicas e Análise de Investimentos, reforçaram a capacidade de lidar com dados, interpretar indicadores e aplicar conceitos financeiros em contextos reais de gestão. Em conjunto, essas formações teórico-práticas contribuíram para o desenvolvimento de uma visão mais integrada, crítica e estratégica sobre o campo da administração pública.

Esses componentes curriculares não apenas aprofundaram a compreensão sobre o papel do planejamento estratégico nas políticas públicas, como também incentivaram a reflexão sobre a necessidade de metodologias sólidas para a construção de pesquisas acadêmicas. Os relatos dos alunos indicam que as disciplinas foram momentos decisivos na consolidação da identidade da turma.

O ano também foi importante para o fortalecimento da coletividade e do senso crítico. O convívio em sala, os debates sobre políticas públicas e a participação em projetos de pesquisa estimularam reflexões sobre o papel do administrador público em um país marcado por desigualdades e crises. Muitos alunos relataram que começaram a olhar para o curso não apenas como uma graduação, mas como uma missão profissional voltada para a transformação social.

Vários estudantes ressaltaram a oportunidade de cursar disciplinas eletivas antecipadas, como Governança na Administração Pública, e eletivas inovadoras, como Relações Étnico-Raciais e de Gênero e Direito Municipal, proporcionando flexibilidade e aprofundamento temático, além de estimular debates sobre diversidade, racismo estrutural e políticas inclusivas.

Conquistas e Aprendizados

O ano de 2024 possibilitou conquistas acadêmicas, profissionais e pessoais significativas. Os estudantes desenvolveram: Capacidade de articular teoria e prática em atividades de extensão e projetos aplicados; Habilidade de análise crítica de políticas públicas e de indicadores educacionais; Competências em gestão de tempo, organização e priorização de tarefas;

Experiência em pesquisa, apresentação de trabalhos e elaboração do TCC; Engajamento em atividades coletivas, políticas e sociais, fortalecendo a compreensão do papel do gestor público.

Apesar das dificuldades enfrentadas, o balanço do ano é extremamente positivo, consolidando a trajetória acadêmica e preparando os estudantes para os desafios futuros da carreira em administração pública.

Conclusão

Ao final de 2024, o balanço não pode ser feito apenas em termos de conteúdos vistos ou de créditos concluídos. O ano foi, sobretudo, um laboratório de resiliência, paciência e coletividade. Entre disciplinas enriquecedoras, experiências de extensão transformadoras e os meses de paralisação, os estudantes compreenderam que a universidade é um espaço vivo, em constante disputa e reinvenção.

Se o calendário atrasado, a sobrecarga e a incerteza testaram os limites da turma, também a prepararam para os desafios da gestão pública em um Brasil que, assim como os alunos, precisa resistir, adaptar-se e reinventar-se diariamente.

Foi um ano intenso, desafiador e transformador para os estudantes do curso de Administração Pública da UFAL. Entre greves, reformas no campus, disciplinas avançadas, atividades de extensão, experiências profissionais e desafios pessoais, os discentes puderam desenvolver habilidades técnicas e socioemocionais essenciais para a atuação na gestão pública. As vivências do ano consolidaram aprendizados, fortaleceram a resiliência e prepararam os estudantes para a conclusão do curso e a aplicação prática do conhecimento adquirido, evidenciando a importância da experiência acadêmica como espaço de formação integral e cidadã.

Em suma, 2024 ficará marcado não apenas como “o ano da greve”, mas como o período em que os alunos aprenderam que a formação universitária vai muito além do domínio técnico: é um exercício permanente de resistência, solidariedade e esperança.

2025

Entre Crises e Conquistas: Um Retrato do Mundo e do Brasil em 2025

Andreina Suellen Santos Lima

Giovanna Carvalho Lira Matos

Ludmyla Vitória Brito de Souza Lima

Marcus Vinícius da Silva

CONTEXTO INTERNACIONAL

O ano de 2025 marca um período de intensas transformações e reconfigurações nas relações de poder globais. A reeleição de Donald Trump nos Estados Unidos simboliza o retorno de uma agenda nacionalista e protecionista, que reacende tensões políticas e econômicas entre as grandes potências. Logo nos primeiros meses de governo, Trump impôs novas tarifas sobre exportações, inclusive do Brasil, sob a justificativa de corrigir desequilíbrios comerciais e garantir “reciprocidade”. Essas medidas, conhecidas como “tarifaço”, acabaram impactando a própria economia norte-americana, elevando custos para empresas e consumidores e provocando insatisfação interna. Segundo dados do Goldman Sachs, a absorção dos custos decorrentes dessas tarifas saltou de 22% em junho para 67% em outubro. A divulgação desses números, em contradição com o discurso oficial, culminou na demissão do economista-chefe do banco (IEA, 2025; CNN Brasil, 2025a).

A adoção dessas políticas comerciais agressivas se soma a um cenário internacional já marcado por instabilidade geopolítica, onde as ações dos Estados Unidos influenciam diretamente outros conflitos. A continuidade da guerra entre Rússia e Ucrânia, iniciada em 2022, segue pressionando o abastecimento global de energia e alimentos, agravando a inflação mundial e afetando especialmente os países em desenvolvimento. Ao mesmo tempo, o recrudescimento da violência entre Israel e Palestina e as tensões diplomáticas entre China e Estados Unidos reforçam a divisão do sistema internacional em blocos de poder, num ambiente cada vez mais polarizado. Assim, a postura norte-americana sob Trump contribui para intensificar rivalidades estratégicas, especialmente com a China, e para enfraquecer espaços de cooperação multilateral.

Na América Latina, os reflexos desse cenário também se fazem sentir. A posse de Nicolás Maduro para um terceiro mandato na Venezuela reforçou a permanência de regimes autoritários na região, acentuando o distanciamento político em relação aos governos progressistas vizinhos. A reação da comunidade internacional, que contestou o resultado das eleições venezuelanas, revelou o quanto o continente ainda enfrenta desafios para consolidar instituições democráticas e equilibrar suas relações externas.

Por outro lado, 2025 também foi um ano de mudanças significativas no campo religioso e simbólico global, com o falecimento do Papa Francisco aos 88 anos, após 12 anos de pontificado. Sua morte encerra uma era marcada por diálogo inter-religioso, defesa dos pobres e engajamento ambiental. Sua morte deu início ao processo de escolha do novo líder da Igreja Católica, culminando

na eleição do cardeal norte-americano Robert Francis Prevost, que adotou o nome de Papa Leão XIV, simbolizando uma nova etapa para o Vaticano. Sua escolha, vinda de um país de maioria protestante, gerou debates sobre a influência política dos Estados Unidos até mesmo na esfera espiritual, embora o novo Papa mantenha a linha pastoral de Francisco (G1, 2025).

Dessa forma, o cenário internacional de 2025 é caracterizado por tensões políticas, disputas comerciais e redefinições de poder, em que decisões norte-americanas repercutem de forma direta nas dinâmicas econômicas e diplomáticas do mundo – inclusive no Brasil.

CONTEXTO BRASILEIRO

Política e Governo

No Brasil, 2025 se desenha como um ano de reconstrução política e reafirmação democrática, em meio a um cenário internacional conturbado. No plano federal, o terceiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva busca consolidar uma agenda voltada à inclusão social, à reconstrução democrática, à sustentabilidade ambiental e à reinserção ativa do país nos fóruns multilaterais. À frente da presidência do BRICS, o Brasil se coloca como voz do Sul Global, defendendo cinco prioridades estratégicas: combate à fome e à pobreza, transição energética, reforma da governança global, cooperação científica e tecnológica e fortalecimento da integração entre países emergentes (Planalto, 2025; Agência Brasil, 2025).

Essas iniciativas dialogam com o contexto externo, marcado pelo protecionismo dos Estados Unidos e pelas tensões entre as grandes potências. Nesse sentido, o governo brasileiro tem buscado uma postura diplomática equilibrada, defendendo o multilateralismo e promovendo parcerias comerciais que reduzam a dependência dos mercados tradicionais.

Internamente, o ano também foi marcado pela posse de novos prefeitos e vereadores, eleitos em 2024, que inauguram ciclos administrativos em milhares de cidades. No Congresso Nacional, a eleição de David Alcolumbre (União Brasil/AP) para a presidência do Senado e de Hugo Mota (Republicanos/PB) assumiu a presidência da Câmara dos Deputados, compondo uma nova configuração de poder legislativo. Em um gesto simbólico de valorização da memória democrática, o Congresso prestou homenagem ao ex-presidente José Sarney pelos 40 anos do retorno do Estado Democrático de Direito, reconhecendo sua relevância na transição política brasileira.

No entanto, o país também enfrentou fortes tensões políticas e judiciais. O ex-presidente Jair Bolsonaro e aliados foram denunciados por envolvimento em tentativa de golpe de Estado após as eleições de 2022, resultando em sua prisão domiciliar e posterior condenação a 27 anos de prisão (G1, 2025; Estadão, 2025). Em meio a esses desdobramentos, o Congresso discutiu a polêmica PEC da Blindagem, que restringia a atuação da Justiça sobre parlamentares. A forte reação popular e a rejeição unânime no Senado mostraram a vitalidade da mobilização social e a resistência institucional a retrocessos democráticos (BBC News Brasil, 2025).

O combate à corrupção e má gestão pública também se manteve em evidência, com a operação conjunta da Polícia Federal e da CGU revelando fraudes no INSS e levando à demissão de seu presidente, Alessandro Stefanutto (Folha de S. Paulo, 2025). Paralelamente, a prisão do ex-presidente Fernando Collor, em Alagoas, por determinação do STF para cumprimento de sua condenação por corrupção passiva e lavagem de dinheiro, e a condenação da deputada Carla Zambelli a dez anos de reclusão por ordenar a invasão do sistema eletrônico do Conselho Nacional de Justiça em 2023. Menos de trinta dias após sua condenação, Zambelli deixou o Brasil e, quase dois meses depois, foi presa na Itália (CNN Brasil, 2025b; G1, 2025).

No campo dos direitos humanos e ambientais, o relatório da Human Rights Watch alertou que o Brasil segue entre os dez maiores emissores de gases de efeito estufa, com impactos agravados por secas e incêndios que afetam diretamente comunidades vulneráveis. Já a Freedom House classificou o país como democracia eleitoral, mas alertou para riscos crescentes de assédio a jornalistas e ativistas. Além disso, estudos apontaram o crescimento da incivilidade política online e do discurso extremista, que refletem as disputas de narrativa herdadas do período anterior e desafiam a estabilidade institucional (Human Rights Watch, 2025; Freedom House, 2025).

Assim, o Brasil de 2025 aparece como um país em processo de reconstrução democrática e reposicionamento internacional, buscando equilíbrio entre a agenda interna de justiça social e a necessidade de enfrentar um mundo cada vez mais fragmentado e polarizado.

Educação, Cultura, Cinema e Televisão

Em 2025, o cenário educacional e cultural brasileiro evidenciou tanto avanços quanto desafios sociais e institucionais. No âmbito da educação, o governo federal estabeleceu diretrizes para a aplicação da Lei nº 15.100/2025,

sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que determina a proibição do uso de celulares nas escolas. O decreto determina que as instituições de ensino definam como os estudantes deverão guardar os dispositivos, prevejam exceções, promovam a formação dos professores e a orientação dos alunos sobre o uso consciente da tecnologia. Também prevê ações de conscientização sobre os riscos do uso excessivo de aparelhos eletrônicos e a criação de espaços de escuta e acolhimento para casos de sofrimento psíquico relacionados ao tema (CNN Brasil, 2025).

Essas preocupações com impactos sociais e emocionais da tecnologia também se refletem na produção cultural, que ao longo de 2025 foi marcada pela entrada de diversas obras em domínio público, como as do dramaturgo, escritor e jornalista Oswald de Andrade, um dos principais nomes do modernismo brasileiro. Também passaram a integrar o domínio público os trabalhos de Getúlio Vargas, Cláudio de Souza, Roquette-Pinto e Celso Vieira, ampliando o acesso às produções literárias e históricas do país (Rádio Agência, 2025).

Essa valorização da cultura brasileira se entrelaça com a projeção internacional do cinema nacional, que, em 2025, alcançou conquistas inéditas. A atriz Fernanda Torres fez história ao ganhar o Globo de Ouro de Melhor Atriz em Filme de Drama por sua atuação em *Ainda Estou Aqui*, sendo uma vitória inédita para o país na categoria. A atriz narra a trajetória real de Eunice Paiva, advogada que buscou, por décadas, respostas sobre o desaparecimento de seu marido durante a ditadura militar. O filme, dirigido por Walter Salles, venceu também o Oscar de Melhor Filme Internacional, tornando-se o primeiro filme brasileiro a conquistar essa categoria (DW, 2025).

Na mesma linha, o cinema nacional seguiu em ascensão com o filme *Agente Secreto*, vencedor dos prêmios de Melhor Direção e Melhor Ator no Festival de Cannes, na França – um marco histórico, já que foi a primeira vez que um ator brasileiro recebeu tal reconhecimento. O diretor Kleber Mendonça Filho também foi premiado com o troféu de melhor direção (G1, 2025).

Enquanto o cinema brasileiro conquista o mundo, o Carnaval reafirma a potência da cultura popular do país e manifesta-se de diferentes formas, seja com frevo, maracatu, trios elétricos e com samba e, no último quesito, os desfiles das escolas tem grande destaque nacional, por esse motivo vale destacar as campeãs de 2025, no Rio de Janeiro, a Beija-Flor de Nilópolis sagrou-se vencedora com tema sobre Xangô - símbolo de justiça e resistência - em uma homenagem marcada pela despedida do intérprete Neguinho da Beija-Flor, já, em São Paulo, a Rosas de Ouro celebrou a vitória com o tema sobre

jogos de apostas e quebrou um jejum de quinze anos sem o título (Agência Brasil, 2025). Essas temáticas refletem a diversidade cultural brasileira e a capacidade de o Carnaval traduzir, de forma simbólica, as transformações sociais e políticas no país.

Na região Norte, o tradicional Festival de Parintins também reforçou a força das tradições regionais e o protagonismo amazônico na cultura nacional. Anualmente, na cidade de Parintins o Boi Garantido (vermelho) e o Boi Caprichoso (azul) competem ao longo de três noites no Bumbódromo. O título deste ano ficou com o Boi Garantido, que não vencera desde 2019, com o tema “Boi do Povo, Boi do Povão” (CNN Brasil, 2025).

Por fim, o ano foi igualmente marcante para a televisão brasileira. A TV Globo celebrou 60 anos de fundação e o centenário do grupo Globo, reafirmando sua relevância histórica na formação cultural e informativa no país. A emissora produziu mais de 60 horas de programação especial, revisitando momentos que marcaram a história da TV Tupi, em 1950. O marco simboliza não apenas a trajetória da mídia brasileira, mas também a forma como a cultura e a informação evoluíram em diálogo com os avanços tecnológicos e as transformações sociais do país (G1, 2025).

Assim, 2025 consolidou-se como um ano em que educação, cultura e mídia se entrelaçam, revelando um Brasil que, ao mesmo tempo em que olha para o futuro digital, busca reconectar-se às suas origens artísticas, históricas e identitárias.

Esportes e Eventos

O ano de 2025 mostrou que a cultura, o esporte e grandes eventos continuam sendo importantes espaços de expressão social e econômica, mas também revelam desigualdades e tensões estruturais. No Rio de Janeiro sediou a segunda edição do megaevento “Todo Mundo no Rio”, que reuniu mais de 2,1 milhões de pessoas. O show da cantora Lady Gaga entrou para a história como o maior público já registrado para uma artista feminina no Brasil, consolidando o evento como símbolo da retomada cultural e econômica pós-pandemia (Prefeitura do Rio de Janeiro, 2025).

Em São Paulo, o Autódromo de Interlagos recebeu a segunda edição do festival “The Town”, entre os dias 6 e 14 de setembro. Criado pelos mesmos organizadores do Rock in Rio, o evento apresentou mais de 100 shows e reuniu cerca de 500 artistas nacionais e internacionais, como Mariah Carey, Green Day,

Katy Perry, Ivete Sangalo e J Balvin. O festival consolidou-se como uma das principais referências da cena cultural brasileira, impulsionando o turismo e a economia local (GSHOW, 2025).

Além desses grandes eventos, festivais e atividades em todo território nacional retomaram a programação presencial, destacando a diversidade cultural brasileira e fortalecendo a economia criativa. A continuidade de grandes celebrações populares, como o Carnaval e o festival de Parintins também retornaram com força total em todo o país, refletindo a diversidade artística e a riqueza da cultura nacional. A retomada das atividades presenciais fortaleceu o setor de economia criativa, gerando oportunidades e ampliando o alcance da produção cultural brasileira.

Investigações e Condenações - Mídias Sociais

O ano de 2025 também foi marcado por casos polêmicos envolvendo figuras públicas e influenciadores digitais. O influenciador Hytalo Santos foi preso em Carapicuíba (SP), acusado de tráfico humano e exploração sexual infantil em conteúdos produzidos para redes sociais. A denúncia surgiu após a exposição feita pelo youtuber Felca, que alertou sobre a erotização precoce de crianças e a manipulação de algoritmos nas plataformas. As investigações, conduzidas pelo Ministério Público da Paraíba, revelaram festas com menores, drogas e álcool. O caso resultou na criação da “Lei Felca”, voltada à proteção infantil no ambiente digital (Agência Brasil, 2025; G1, 2025; CNN Brasil, 2025; Gazeta do Povo, 2025; UNIFOR, 2025).

No cenário da música, em julho de 2025, o rapper Oruam (Mauro Nepomuceno) foi preso preventivamente na Zona Sul do Rio de Janeiro, acusado de associação ao tráfico de drogas e resistência à prisão. Filho do líder do Comando Vermelho, Marcinho VP, Oruam foi detido por abrigar um menor ligado à facção e por supostamente agredir policiais durante uma operação. Dois meses depois, o STJ concedeu liminar revogando a prisão preventiva, por falta de provas, embora o artista permaneça sob investigação (O Tempo, 2025; Gazeta do Povo, 2025; CNN Brasil, 2025).

O funkeiro MC Poze do Rodo, já conhecido por polêmicas anteriores por suposta ligação com facções criminosas e apologia ao crime, voltou a se manifestar em 2025, defendendo Oruam e denunciando uma suposta perseguição policial contra artistas do funk. Ele afirmou que as autoridades realizam operações injustificadas e sem provas concretas, reforçando um discurso de resistência cultural das comunidades periféricas frente ao estigma

e à repressão estatal (G1, 2025; Agência Brasil, 2025).

Esses episódios revelam que, em 2025, o Brasil convive simultaneamente com avanços na educação, cultura e mídia, e com desafios relacionados à segurança, proteção infantil e justiça social. Eles reforçam a necessidade de políticas que integrem direitos digitais, proteção social e valorização cultural, apresentando uma visão mais realista e complexa da sociedade brasileira.

2025

O Fim de um ciclo

Acsa Mickaelly de Souza Santos

Cláudia Cristina Alves da Fonseca

Rawmyller Ferreira da Silva

Vitor da Silva Oliveira

Junto com o início do ano de 2025 veio também o início do oitavo período da nossa graduação, um penúltimo passo antes do fim. Logo ao chegar tivemos a surpresa de uma reforma envolvendo os blocos A e B onde, anteriormente, ficavam nossas salas, as providências tomadas pelos responsáveis foram alocar as turmas no bloco C, exceto a nossa que ficou no bloco das coordenações. A experiência foi positiva na visão de alguns e negativa na visão de outros da nossa sala, enquanto para alguns alunos a localização da sala era ótima pela proximidade da saída e do estacionamento, para outros a distância do restaurante universitário e das outras turmas foi um problema, ficamos isolados e por vezes parecia que apenas nossa turma estava presente no campus. Aproximando o fim do período, a reforma foi finalizada e pudemos finalmente voltar a uma sala próxima às outras que agora apresentava uma estrutura melhor e que, posteriormente, ainda seria modificada, o que tornaria as salas mais bem estruturadas para comportar turmas universitárias.

O oitavo período foi composto por cinco disciplinas: ACE II, Elaboração e Gestão de Projetos, Gestão de informações na Gestão Pública, Licitações e Contratos e Gestão Ambiental e Sustentabilidade. As impressões sobre algumas das disciplinas foram tão divergentes quanto as da reforma dos blocos.

Iniciando pela ACE II, enquanto alguns alunos gostaram da metodologia apresentada onde teríamos que redigir um artigo (de preferência já utilizando o tema do TCC), outros alunos acharam que foi cansativo. Com escritas e resultados tendo que serem entregues semanais, com o trabalho de escrita de acordo com as regras ABNT e com todos os critérios de um artigo a ser escrito e publicado. Por conta de uma demanda maior, houve sugestões de que essa metodologia fosse alocada em uma disciplina eletiva para que aqueles que se identificassem, pudessem desenvolver sua escrita acadêmica pois não condizia com a proposta de uma ACE. Apesar disso, os frutos colhidos dessa disciplina foram proveitosos, boa parte da turma pode utilizar esses artigos como base para o TCC e com o incentivo do professor puderam publicar seus artigos no ENCULTI 2025.

Falando sobre as disciplinas de Elaboração e Gestão de Projetos e Gestão de Informações na Gestão Pública, ambas ministradas pelo novo professor Samayk, as opiniões seguiram um único rumo: todos amamos as disciplinas e a metodologia adotada pelo docente que trazia aulas práticas e exemplos que prendiam a atenção e tornavam a compreensão do assunto mais fácil. A partir dessas disciplinas pudemos desenvolver o nosso senso crítico e nossa capacidade de identificar problemas e encontrar formas de solucioná-los.

Um enfoque maior na disciplina de elaboração de projetos, onde cada grupo de alunos projetaram uma ideia que tivesse possibilidade a ser implementada para uma melhoria no seu dia a dia. Podemos tirar dessa matéria ideias inovadoras que os próprios alunos pensaram, assim como, Ilumina UFAL, um projeto de eliminação para a universidade; Projeto cidadão, ideia solo da aluna Ludmyla, onde os cidadãos poderiam realizar queixas das situações de diversas localizações da cidade que causavam transtorno por meio de um quest; RU digital, uma melhoria para os alunos que utilizavam o restaurante universitário; Projeto sobre reutilização e reciclagem do aluno Marcos Vinicius; Projeto Paz no estádio, criado pelo quarteto de meninos da turma, Davi, Cícero, Pedro e Cadu, que busca, literalmente, paz nos estádios (insta @paznoestadioz); E por fim, um projeto que hoje é nossa ACE do nono período, Conexpu, projeto que busca viabilizar o nosso curso, mostrando e criando conexão com contextos externos, fora da universidade e buscando assim estágios para os alunos no campo de públicas, criado pelas alunas Andreina e Giovanna.

A disciplina de Licitações e contratos também mostrou uma boa aprovação por parte dos alunos. O novo professor conseguiu ministrar as aulas de forma que prendesse a atenção dos alunos e trouxe questões de concursos ao fim de cada aula, o que ajudava a fixar melhor o conteúdo. Além disso, um ponto importante e memorável da disciplina foi um debate promovido pelo docente onde parte da turma deveria ser a favor da privatização de órgãos públicos e a outra parte deveria ser contra. Isso auxiliou a turma a desenvolver ainda mais o senso crítico e se preparar para casos futuros onde, enquanto administradores públicos, precisaremos defender iniciativas com as quais talvez não entremos em concordância e vice-versa.

Quanto à disciplina de Gestão ambiental e Sustentabilidade, foi notável um grande descontentamento da turma com algumas questões. Boa parte da turma achou que a quantidade de trabalhos escritos e seminários foi exagerada e acabava por deixar uma tensão e sobrecarga, uma parte também defende que o assunto poderia ter sido mais bem explorado e que ficou uma sensação de que a disciplina deixou um pouco a desejar.

Paralelo a tudo isso, alguns dos alunos enfrentaram dificuldades em outros aspectos, como por exemplo, o estágio supervisionado. Cerca de 3 alunos foram prejudicados por causa da falta de comprometimento do então coordenador de estágios que, apesar de os alunos terem entregue toda a documentação necessária, não lançou a nota no sistema, o que acarretou a reprovação dos três e uma baixa significativa no coeficiente de rendimento acumulado (CRA). O problema segue sem resolução.

Já no nono período, o último passo antes da tão sonhada graduação, a quantidade de matérias reduziu significativamente, porém o mesmo não aconteceu com a quantidade de trabalhos. Estamos com as disciplinas de ACE III Evento, ACE IV Produto, Governança na Administração Pública e Avaliação de Políticas e Serviços Públicos. Iniciando com a ACE III Evento, infelizmente a experiência inicial não foi das melhores. O trabalho nessa ACE seria fazer um evento utilizando um projeto idealizado pelas alunas Andreina Suellen e Giovanna Carvalho no oitavo período na disciplina de Elaboração e Gestão de Projetos, o CONEXPU (Conexão Pública) onde o objetivo seria dar uma maior visibilidade ao curso de Administração Pública o que, conseqüentemente, resolveria alguns problemas como a dificuldade de nossos discentes encontrarem estágio voltados a nossa área. Porém, a realidade se mostrou um pouco decepcionante, principalmente para as idealizadoras do evento, devido à falta de participação do docente responsável. Agora, faltando menos de um mês para a realização do evento, houve uma troca de docentes e a expectativa é que haja o andamento no projeto e que tudo corra como deve.

A disciplina de Governança na Administração Pública, que não poderia estar alocada em um período melhor visto que traz uma consolidação de todo o assunto que aprendemos até aqui. Paralelamente à disciplina, a professora trouxe ainda a oportunidade de muitos da turma fazerem parte do Projeto Jovem Conselheiro em parceria com o Tribunal de Contas do Estado, que muitos descrevem como uma experiência enriquecedora e agradecem a oportunidade de poderem fazer parte de algo que realmente mostra na prática como funciona a Administração Pública na área de Contabilidade Pública, é algo que soma a todo o conteúdo ministrado. Com o projeto pudemos vivenciar a experiência de montarmos duas peças durante um mês para a sessão simulada, os alunos da UFAL junto com alguns estagiários do próprio tribunal de contas foram os jovens conselheiros do momento, sendo monitorados e acompanhados pelos conselheiros do próprio tribunal. Cada grupo com o seu voto, contra ou a favor da peça apresentada no projeto, foi um momento de muito aprendizado e discussão.

Por último, na ACE IV Produto, nos foi proposto o desafio de escrever um livro sobre a jornada da turma desde o ano de 2021 até aqui. Apesar de ser uma proposta que trouxe um pouco de tensão para alguns devido à dificuldade de lembrar com clareza tudo o que se passou nesses quatro anos, podemos ver que há uma satisfação por parte da turma em estar relembando todo esse trajeto, para alguns há uma sensação de nostalgia e gratidão, para outros a sensação é de orgulho ao olhar para trás e ver todos os desafios superados. A expectativa é que o livro fique como uma memória coletiva e um aprendizado para os futuros discentes e é a partir daqui que se relata o início do fim.

2025 - O FIM DE UM CICLO

O ano era 2021 e um grupo de 40 pessoas de diferentes idades ingressaram na Universidade Federal de Alagoas para a realização de mais uma etapa em suas vidas: A Graduação. Em meio a um ano conturbado no contexto mundial, onde nos encontrávamos em uma pandemia, o sonho de estar inserido no ambiente acadêmico falou mais alto e todos estávamos caminhando rumo ao tão esperado “paraíso acadêmico” ou pelo menos era o que se esperava.

O primeiro período, iniciado no segundo semestre de 2021 devido à pandemia do COVID-19, deu-se de forma online. Então estávamos ali, todos nós sentados em frente a uma tela, vendo nomes flutuantes sem rostos ou vozes definidos, sem a integração e a socialização que se esperava para uma turma, só o que víamos eram os professores e seus slides, suas vozes eram as que ouvíamos durante horas ininterruptas e a sensação de ser “universitário” estava longe de ser sentida. Para alguns, como nossos colegas Rawmyller e Giovanna, o cenário acabava por ser levemente favorável às suas realidades, Giovanna com sua incerteza de como chegaria a universidade e se permaneceria após o primeiro período quando as aulas retornariam ao modo presencial e Rawmyller, que assistia suas aulas pela tela do celular enquanto estava inserido em um ambiente cheio de “desce mais presunto” ou “a mesa 3 fez o pedido”. Para a maioria, a luta contra o tédio, o sono e a dificuldade em manter o foco na aula era grande.

Pudemos ver que, infelizmente, nem todos conseguiram se manter nesse ritmo. Uma boa parte da nossa turma desistiu do curso ainda no primeiro período e foi sendo assim até meados do 4º ou 5º período. Hoje, no 9º período do curso, somos um grupo de 23 graduandos, ou melhor, 23 VENCEDORES. Cada um com suas próprias conquistas, cada um com seus desafios e obstáculos vencidos, cada um com sua própria personalidade, seus próprios sonhos e metas, todos com o único objetivo de finalizar uma graduação iniciada de forma atípica. De fato, um grupo de vencedores. Deixamos aqui nossos mais sinceros parabéns a todos, àqueles que, apesar das inúmeras dificuldades, se mantiveram firmes em seus objetivos e aproveitaram tudo o que a universidade pôde oferecer. Sinto-me na obrigação de nomear e parabenizar cada um de nós que chegou aqui.

Andreina Suellen, sua determinação e seu esforço são de uma força absurda. Durante essa caminhada acadêmica temos a certeza de que todos nós pudemos acompanhar seu crescimento como pessoa e como acadêmica e devemos aplaudir de pé todas as suas conquistas pois temos a certeza de que o

futuro da Administração Pública terá muito a ganhar com a sua capacidade intelectual e também com sua pessoa. Todos os obstáculos e desafios em seu caminho te ajudaram com seu amadurecimento e te tornaram a pessoa que você é hoje, a pessoa que tem a coragem de subir em um palanque no auditório e dar tudo de si para fazer um evento correr da forma esperada. A prova de sua capacidade é o seu artigo aceito e publicado na Revista Novos Cadernos da Universidade Federal do Pará. Deixamos aqui, em nome de toda a turma, nossos mais sinceros Parabéns.

Acsa Mickaelly, você chegou à universidade cheia de sonhos, mas foi a realidade que te fez crescer de verdade. Os obstáculos e desafios do caminho te fortaleceram, transformando você em uma pessoa mais resiliente e persistente. Temos a certeza de que você conquistará suas metas e se tornará uma profissional brilhante e seguirá sendo a pessoa que se tornou ao fim desse curso.

Carlos Eduardo, alguém que amadureceu de forma notável ao longo do curso e que, como coordenador de comunicação do nosso Centro Acadêmico, já revela liderança, empenho e talento. Mesmo sem se identificar plenamente com o curso, deixa evidente que sua dedicação e capacidade de se entregar a cada responsabilidade o levarão longe. Temos plena certeza de que encontrará o seu lugar, se destacará e alcançará grandes conquistas.

Cícero Victor, com seu humor leve e suas brincadeiras, você proporcionou muitos momentos de alegria à nossa turma, fazendo-nos rir em meio aos desafios da graduação. Estamos certos de que sua trajetória futura será repleta de conquistas, somando-se como mais um talento da nossa sala que contribuirá para o futuro da Administração Pública. Não se deixe abalar pelas pedras no caminho: transforme cada desafio em uma oportunidade de amadurecimento e fortalecimento para alcançar tudo o que deseja.

Cláudia Cristina, você combina uma postura reservada com a notável vocação de professora. Já demonstra ser uma educadora brilhante e temos a certeza de que, em um futuro próximo, também se destacará como uma excelente administradora pública. Parabenizamos também pela conquista de ter seu artigo aceito no ENCCULT 2025 e no VI ENEPCP. Esses resultados evidenciam o quanto sua capacidade intelectual é valiosa para você e para todos que terão o privilégio de aprender e crescer ao seu lado.

Deysa Maria, de longe uma das alunas que mais aproveitou o que a universidade teve a oferecer. Parabéns por suas conquistas e pelo lugar que você conquistou tanto na universidade quanto fora dela, você mostrou sua força e determinação e provou seu valor. Saiba que, enquanto mulher trans e preta,

você será tida como exemplo e inspiração para tantos outros que tenham dúvida quanto a jornada acadêmica. Esperamos que o seu artigo “Do Corpo à Política: Etnografia de uma Trajetória de Participação em Conferências de Políticas Públicas LGBTQIA+” tenha a visibilidade merecida.

Dhavi Lucas, como você mesmo citou em seu primeiro texto, não apenas o primeiro período, mas também todos os subsequentes te fizeram entender o valor da persistência. Hoje, é evidente como essa lição se tornou parte de quem você é. Seu conhecimento, sua dedicação e sua determinação são forças que te levarão muito além. Que cada conquista seja apenas o começo de um futuro grandioso. Não desista jamais: persista, porque o sucesso já caminha ao seu encontro.

Fabiana dos Santos, você chegou à universidade de forma tímida, mas logo pudemos acompanhar sua transformação. Com o passar do tempo, foi superando barreiras e mostrando toda a sua força. Apesar das dificuldades enfrentadas que você citou no seu primeiro texto, deixou claro que persistência é uma das suas maiores qualidades. Hoje, no nono período, está prestes a conquistar a tão sonhada graduação, o resultado de sua dedicação, coragem e determinação.

Felipe Alexandrino, apesar do pouco contato conseguimos perceber que, enquanto pessoa, você mostra ser alguém que possui uma energia positiva. Sua simpatia e forma de se conectar tornam fácil perceber o quanto ela é verdadeira nas interações. Além disso, carrega uma persistência admirável: não se deixa abalar facilmente pelas dificuldades e, ao contrário, transforma os obstáculos em motivação para continuar avançando.

Giovanna Carvalho, você já se mostra uma grande adição ao âmbito da administração pública com sua participação no LAPID e ainda mais, te parabenizamos pelo seu artigo premiado pelo XV ENCCULT. É uma honra termos em nossa turma alguém com uma capacidade intelectual maravilhosa como a sua. Temos a certeza de que o futuro te reserva grandes conquistas. Sabemos também que você terá a persistência e perseverança necessária para enfrentar todos os obstáculos como vem fazendo durante esses quatro anos de graduação.

Giovanni Davi, como não lembrar de todas as vezes que você foi o senhor dos coffee breaks não é mesmo? Brincadeiras à parte, já estamos testemunhando o início da sua carreira como administrador público e conseguimos ver também como você se dedica de corpo e alma à isso. Temos certeza que você irá fazer parte da transformação do setor público para algo melhor e muito mais justo. Te desejamos todo o sucesso que você merece e que você alcance todos os objetivos que almeja.

Irã Cesar, infelizmente nós não te conhecemos muito, você chegou na nossa turma de paraquedas mas o pouco tempo de convivência nos mostrou como você carrega uma energia positiva e claro, pudemos ver sua força e sua dedicação com a sua formação, imaginamos que não é fácil precisar voltar à universidade quando o esperado era já estar graduado, mas com certeza esse será um desafio que você conseguirá superar.

Juliene Maria, você possui um estilo incrível que reflete sua personalidade. Você também exibe uma capacidade intelectual notável. É fácil ver que essa combinação de presença marcante e inteligência profunda te levará longe. Você não apenas tem sonhos, mas também a habilidade e a determinação para transformar cada um deles em realidade. O seu sucesso será o reflexo de sua persistência.

Karlla Evellyn, cada desafio encarado foi uma oportunidade para provar a si mesma que era capaz. Você possui uma determinação inabalável, traçou seu caminho, ignorando o pessimismo e as dificuldades. A maneira como você enfrenta e supera cada obstáculo deixa claro que seus objetivos não são apenas sonhos, mas realidades que você está construindo, dia após dia, com sua própria resiliência. Te desejamos todo o sucesso do mundo.

Kaylane Ferreira, sua força tranquila e sua dedicação constroem o seu caminho com foco e determinação. Diante de qualquer desafio, você não apenas encontra soluções, mas o faz com eficiência e calma. Sua perseverança te levará ao futuro que você deseja e as metas que você tanto almeja serão alcançadas.

Ludmyla Vitória, apesar de ser a mais jovem da turma, você se destacou como uma das pessoas mais notáveis que tivemos o prazer de conhecer e conviver. Sua personalidade luminosa e a forma como você encara a vida com um sorriso no rosto são admiráveis. vimos você superar cada obstáculo com uma força e resiliência que inspiram, provando que a sua jornada é uma verdadeira celebração. O que o futuro te reserva, você já carrega no nome: VITÓRIA.

Marcus Vinicius, você demonstra uma notável autoconsciência em relação às suas limitações e à sua jornada acadêmica além de também possuir bastante determinação e compromisso com seus objetivos. Você é uma pessoa que não se define apenas por suas conquistas, mas pela sua capacidade de enfrentar obstáculos com honestidade e de aprender com cada experiência, sejam elas sucessos ou não. Estamos certos que com todas essas qualidades você chegará longe.

Maria Edvânia, você é uma pessoa que não apenas se adapta, mas

crece com as adversidades. Sua jornada é marcada por uma mistura de conquistas acadêmicas e pessoais e sua personalidade resiliente e proativa mostra como você encara os desafios como oportunidades de crescimento. Você não apenas superou o medo e a insegurança de um novo começo, mas também provou a si mesma que é capaz de conquistar seus sonhos. Parabéns por essa conquista extraordinária! Que sua trajetória continue a ser um exemplo de que a dedicação e o esforço valem a pena.

Maysa Silva, sua jornada é uma prova de proatividade e autoconfiança. É impossível não se emocionar com sua determinação e resiliência. Você superou a insegurança, o medo e, mesmo com as dúvidas de um novo começo, foi em frente. Sua história é um exemplo de que a verdadeira força reside na capacidade de se reinventar e seguir em frente. Não tenha dúvidas de que o seu futuro te reserva grandes conquistas.

Pedro Lucas, você é uma pessoa que pensa sobre suas escolhas e desafios. A sua história é um exemplo claro de amadurecimento e determinação, sua consciência sobre os desafios extras que enfrenta como jovem negro e sua postura em relação a isso são inspiradoras. A frase "a gente só se arrepende daquilo que não faz" é um lembrete poderoso de que é melhor tentar e errar do que nunca ter tentado. A sua atitude estoica de aceitar o que foge ao seu controle e extrair valor de cada experiência é a chave para o crescimento pessoal. Que você continue a valorizar cada parte do seu caminho: o conhecimento adquirido, as discussões na faculdade, a disciplina nos estudos e até as pequenas vitórias do dia a dia.

Rawmyller Ferreira, tenha certeza de que muitos de nós nunca nos esqueceremos dos seus brigadeiros maravilhosos. Você não é apenas um exemplo de conquistas acadêmicas e profissionais, mas um verdadeiro testemunho de resiliência, dedicação e visão de futuro. O seu esforço de hoje, comparado aos seus desafios passados, mostra o quanto você evoluiu em organização, disciplina e resiliência. Nossa turma teve muito a ganhar e a aprender ao conviver com você, o sucesso já está no seu caminho, e a sua versatilidade profissional será, sem dúvida, um motivo de orgulho.

Rayanny Gabriella, sua postura gentil e sua coragem silenciosa a tornam uma pessoa incrivelmente resiliente. Demonstrou que a caminhada na universidade não se faz só com facilidades, mas também com lutas. Sabemos que você será uma ótima profissional e que continuará sendo a pessoa carismática e divertida que você mostrou ser durante esses anos.

Vitor Oliveira, é muito bom ter por perto pessoas com um espírito tão leve e cativante como o seu! A sua capacidade de enfrentar os desafios da

vida sem perder o bom humor e a alegria é realmente admirável. Você é uma inspiração e nos lembra que, mesmo nos momentos difíceis, a vida pode ser vivida com mais leveza. Obrigado por sempre nos fazer sorrir e por ser uma fonte de energia tão positiva. Seu sucesso não está apenas nas conquistas que você alcança, mas na pessoa que você é ao longo da jornada.

Isso é o que temos a dizer sobre nós, que constituímos a turma de 2021. Chegamos ao fim de uma jornada incrível, e o que fica agora é uma mistura de gratidão e nostalgia. Lembramos do começo, quando éramos apenas um grupo de pessoas em busca de um sonho, e vemos o quanto crescemos e evoluímos juntos. Compartilhamos ansiedade, trabalhos intensos, discussões acaloradas e, o mais importante, muitas risadas. O final desta etapa não é um adeus, mas um "até logo", a expectativa que fica é que voltemos a nos encontrar no futuro.

Deixamos aqui também a nossa gratidão a todos os docentes que fizeram parte da formação de todos nós. Aos Professores Anderson Henrique, Antônio Miguel, Bruno Setton, Fabiana Araújo, Leonardo Leal, Lucas Maciel, Marconi Tabosa, Paulo Mota, Rodolfo Carneiro, Rodolfo Tenório, Rodrigo Pereyra, Samayk Ferro e a nossa nova professora, Thays Fidelis, queremos agradecer a todos vocês por cada aula, cada debate e cada conselho que nos moldou. A dedicação e o conhecimento que compartilharam conosco foram essenciais para a nossa formação, indo muito além do conteúdo programático. Que vocês continuem a inspirar e a transformar a vida de tantos outros alunos. E saibam que a semente que plantaram em nós agora florescerá no mundo.